

MAGDA IZABEL DOS REIS

*INTERFACES DE UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA NA
ESCOLA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA:
UM OLHAR A PARTIR DA PASTORAL ESCOLAR*

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

**Para obtenção do Grau de Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação**

Orientadora: Dra. Sandra Vidal Nogueira

São Leopoldo

2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R375i Reis, Magda Izabel dos
Interfaces de uma educação transformadora na Escola Imaculado Coração de Maria : um olhar a partir da pastoral escola / Magda Izabel dos Reis ; orientadora Sandra Vidal Nogueira. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2006.
79 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado Profissionalizante em Teologia. São Leopoldo, 2006.

1. Escola Imaculado Coração de Maria. 2. Obras da igreja junto aos estudantes. 3. Paz – Estudo e ensino. 4. Educação moral. 5. Educação – finalidades e objetivos. 6. Educação cristã. I. Nogueira, Sandra Vidal. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia

**A luz consome-se a si mesma,
enquanto serve aos outros, iluminando.**

Madre Teresa de Jesus Gerhardinger

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela vida, pela manifestação de seu amor em todos os momentos de minha vida. Agradeço a meus pais, que me educaram com tanto zelo e carinho e as minhas irmãs. Agradeço a minha comunidade religiosa, as Irmãs Escolares de Nossa Senhora, aos professores, funcionários e alunos da Escola Imaculado Coração de Maria, que fizeram parte deste trabalho e com os quais convivi e partilhei saberes e amizades. Agradeço a orientadora, Sandra, pelo apoio e estímulo. Agradeço a todos amigos e amigas, pelo carinho e amizade.

RESUMO

Nesta Pesquisa pretende-se responder a questão: Que interfaces, de uma Educação Transformadora, estão presentes na Escola Imaculado Coração de Maria, sob a ótica da Pastoral Escolar? A Pastoral Escolar dá identidade a escola confessional. Analisamos a Pastoral Escolar como um espaço evangelizador no ambiente escolar. Para isto utilizamos a metodologia da pesquisa-ação. Foram entrevistados alunos, pais, professores e funcionários da escola. Foi utilizado ainda, como referencial teórico, a metodologia histórico - evangelizadora, que consiste na reflexão pastoral a partir de observações e registros. O trabalho está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo abordamos a pedagogia emancipatória na perspectiva freiriana, analisando a concepção de uma educação bancária e a concepção de uma educação dialógica. No segundo capítulo abordamos a Educação Transformadora como missão educativa das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Apresentamos aspectos históricos da Congregação e os princípios educacionais que fundamentam sua ação. No terceiro capítulo apresentamos a Pastoral Escolar da Escola Imaculado Coração de Maria: conceituação e método, bem como a fundamentação teológica deste trabalho: o Projeto de Jesus Cristo e as atividades desenvolvidas por este setor: encontros de formação, celebrações de fé e vida, grupo de jovens, projeto social e retiros. No quarto capítulo destacamos alguns desafios pastorais para um mundo em mudança: promover o diálogo inter-religioso e o respeito à diversidade, cultivar uma espiritualidade cristã, educar para a solidariedade e a paz.

Palavras-chave: educação transformadora, pastoral escolar, diálogo, espiritualidade, solidariedade.

ABSTRACT

In this research we intend to answer the question: What kind of Transforming Education are present at Imaculado Coração de Maria School, about the optic of Pastoral School. Pastoral School gives identity to a Confessional School. We analyzed the Pastoral School like a space in a school ambient. In this way, we utilize the methodology of research-action. It was made an interview with students, parents, teachers and servants at this school. It was still utilized, like a theoretical referencial, the historic methodology- evangelist, that consists in the pastoral reflexion hereafter of observations and notes. The work in its structure has four chapters. In the first chapter we accost the emancipate, analyzing the conception of a dialogic education. In the conception of a dialogic education. In the second chapter, we accost the Transforming Education like an educative mission of Our Lady School Sisters. We introduce historic aspects about the Congregation and the education rudiments which justify its action. In the third chapter, we introduce the Pastoral Educate of Imaculado Coração de Maria School: conceptuation and method as well as the theological grounding of this work: Jesus Christ Project and the activities that were developed by this sector: education meetings, faith and life celebrations, youth groups, social projects and retreats. In the fourth chapter, we show up some pastorals challenges to a world on a change: advancing the dialog inter-religious and the respect to the diverseness, cultivating a Christian spirituallity, educating for the solidarity and peace.

Key-words: transforming education, pastoral school, dialog, spirituallity end solidarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA NA PERSPECTIVA FREIRIANA	13
1.1 Educação “bancária” e educação dialógica	14
1.2 Princípios educacionais de Paulo Freire	16
1.2.1 Diálogo	16
1.2.2 Participação	18
1.3 Educação e esperança	18
1.4 Educação Presente e Futuro.....	20
2 A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA COMO MISSÃO EDUCATIVA NO CONTEXTO DAS IENS.....	24
2.1 Aspectos históricos da Congregação	24
2.2 Convocadas à transformação	28
2.3 Rede SHALOM	29
2.4 Madre Teresa e os desafios da educação na américa latina.....	30
2.5 O educador, a educadora	35
2.6 Princípios educacionais de Madre Teresa	36
3 A PASTORAL ESCOLAR DA ESCOLA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA.....	39
3.1 Conceituação e método.....	40
3.1.1 Exigências da evangelização	43
3.1.2 Projeto de Jesus	44

	8
3.2 Histórias de um trabalho de Pastoral	46
3.2.1 Encontros de Formação	49
3.2.2 Celebrações de Fé e Vida	51
3.2.3 Grupo de Jovens	54
3.2.4 Projeto Social.....	56
3.2.5 Retiros.....	58
4 DESAFIOS PASTORAIS PARA UM MUNDO EM MUDANÇA	63
4.1 Promover o diálogo inter-religioso.....	63
4.2 Cultivar uma espiritualidade cristã.....	66
4.3 Educar para a Solidariedade e a Paz.....	69
CONCLUSÃO.....	72
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

A Escola Imaculado Coração de Maria é uma escola da Rede das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Foi fundada em 1948 a pedido do Cônego Alberto Schuwade. Os imigrantes alemães chegaram a cidade de Feliz em 1846. O povo felizense é um povo religioso, associativo e comunitário. Preocupa-se com a religião e a educação. Junto com os imigrantes chegaram as confissões religiosas, a Católica e a Evangélica Luterana no Brasil.

Antes da chegada das irmãs, existia a Escola Comunitária Paroquial da qual era professor Alfredo Schmidt. Ele morava na casa canônica com sua família, até que Feliz se tornasse uma paróquia. O professor tinha funções comunitárias, como cantar a missa do domingo, acompanhar o enterro dos colonos, a encomendação na casa do falecido e no cemitério. Em 1948 o professor não quis mais assumir estes compromissos. Com isto precisava de alguém para a escola e a liturgia. Foi feito o pedido às Irmãs Escolares de Nossa Senhora para assumir esta missão. No dia 04 de março de 1948, as Irmãs chegaram à cidade de Feliz.

A escola iniciou com 80 alunos. Antes de terminar o mês de março, já contava com 115 alunos da 1ª à 5ª séries. No dia 1º de março de 1956 foi fundado o jardim da infância, inicialmente com 20 alunos. Em 1973 foi implantada a 6ª série e em 1975 completou-se o curso de Primeiro Grau com 440 alunos. Destes 384 alunos, os que tinham bolsa de estudos, eram filhos de operários e agricultores.

Hoje a escola conta com 186 alunos, entre Educação Infantil e Ensino Fundamental. O cenário econômico modificou-se muito e a Rede não recebe mais auxílios para as bolsas, o que dificulta a manutenção da escola.

A escola sempre se destacou por sua equipe de trabalho unida, pela busca de aperfeiçoamento pedagógico. É uma escola que luta com muita criatividade, para se manter financeiramente e atender as necessidades da comunidade.

Assumi a direção da escola em 2004, uma das prioridades foi a implantação do Setor

de Pastoral. Já existiam trabalhos nesta área, mas não de forma sistematizada. Foi iniciado o grupo de jovens, encontros de formação periódicos com todas as turmas da escola. Em 2005 iniciamos o projeto solidário, os retiros de dois dias para a 7ª e 8ª série.

Procurei uma Universidade a fim de dar continuidade aos meus estudos. Percebi que o curso de Mestrado Profissionalizante em Teologia - Educação Comunitária com Infância e Juventude, na EST, com sua proposta apresentada, era o que eu procurava, uma possibilidade de sistematizar a experiência que vivencio no Imaculado. O curso prevê este diálogo entre Religião e Educação, com duas ênfases de pesquisa, a primeira: Formação continuada na fé para infância e adolescência e a segunda: Infância, adolescência e juventude em contextos educativos. Optei pela primeira ênfase, pois meu olhar é a partir da Igreja, da qual participo.

O presente trabalho de conclusão de Mestrado Profissionalizante em Teologia - Educação Comunitária com Infância e Juventude, pretende responder a seguinte questão: Que interfaces, de uma Educação Transformadora, estão presentes na Escola Imaculado Coração de Maria, sob a ótica da Pastoral Escolar?

Este trabalho parte de uma pedagogia emancipatória, segundo Paulo Freire, e da compreensão de uma Educação Transformadora para as Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Nossa missão está orientada para o trabalho educacional. Como Congregação Internacional, temos algumas linhas comuns de atuação, sendo uma delas a Educação Transformadora.

A Pastoral Escolar dá identidade à escola confessional. Analisamos como se desenvolve o trabalho de pastoral no contexto da Escola Imaculado Coração de Maria e para isto utilizamos a pesquisa ação, visto que atuo diretamente no Setor de Pastoral.

Em 2004 eu acompanhava o grupo de jovens, realizava os encontros de formação sempre auxiliada por uma pessoa. Havia uma rotação muito grande de pessoas, as quais colaboravam, pois trabalhávamos com um grupo restrito de funcionários. Contávamos com a assessoria, no grupo de jovens, de uma estagiária de psicologia. Em 2005 contratamos uma pessoa a qual trabalhava um dia por semana, no Setor de Pastoral e outra estagiária de psicologia ajudou na assessoria do grupo de jovens. Este ano a pessoa contratada pediu saída no segundo semestre e voltei a assumir o grupo de jovens e os encontros de formação tendo o auxílio de duas pessoas.

A proposta da pastoral está se clareando, no decorrer da caminhada. Temos consciência que demos muitos e significativos passos, mas há muito a caminhar. Sentimo-nos confirmados nesta missão pelo testemunho de pais, professores, funcionários e alunos os quais vêem a pastoral como um espaço de vivência de valores e cultivo da espiritualidade.

Neste trabalho, desenvolvemos um embasamento teórico pedagógico e teológico,

fundamentando o trabalho de pastoral. Ao mesmo tempo, buscamos, com um olhar crítico, observar se o trabalho desenvolvido no Setor de Pastoral da escola, está coerente com o que ela se propõe.

No primeiro capítulo deste trabalho, abordamos a pedagogia emancipatória na perspectiva freiriana, analisando a concepção de uma educação bancária e a concepção de uma educação dialógica. Na educação dialógica foram trabalhados os princípios do diálogo e a da participação, que são centrais na teoria de Paulo Freire, pois educação para Paulo Freire, tem a ver também com esperança, com construção, e necessariamente com o futuro.

No segundo capítulo abordamos a Educação Transformadora, como missão educativa das Irmãs Escolares de Nossa Senhora - IENS. Apresentamos aspectos históricos da Congregação. O início da obra, as intuições da fundadora Madre Teresa de Jesus Gerhardinger, o chamado a Transformação como um direcionamento da Congregação para o futuro, tendo presente as mudanças de nosso tempo, como a Rede SHALOM, que é a Rede Internacional da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora para a Justiça, Paz e Integridade da Criação. Contextualizamos ainda a educação na América Latina para as IENS, os princípios educacionais, os quais orientam os educadores e educadoras neste contexto.

No terceiro capítulo apresentamos a Pastoral Escolar da Escola Imaculado Coração de Maria: conceituação e método. Com base nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006, apresentamos as quatro exigências intrínsecas da evangelização: o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão. Estas quatro exigências, desempenham um papel pedagógico na evangelização, também no meio escolar. Em seguida, apresentamos o Projeto de Jesus Cristo, como fundamento teológico do trabalho de Pastoral. Apresentamos o trabalho desenvolvido pelo setor de pastoral em suas diversas atividades: encontros de formação, celebrações de fé e vida, grupo de jovens, projeto social e retiros.

No quarto capítulo, apresentamos alguns desafios pastorais para um mundo em mudança: promover o diálogo inter-religioso e o respeito à diversidade, cultivar uma espiritualidade cristã, educar para a solidariedade e a paz, pois entendemos que a pastoral precisa manter um diálogo contínuo com a realidade na qual está inserida, para poder atender as necessidades da comunidade escolar. Diante da complexidade e das incertezas, é preciso buscar novas formas para trabalhar na construção de um mundo mais justo e humano.

Religião e Educação são áreas importantes na busca de respostas para as vivências do ser humano, para as questões básicas que ele se coloca. A escola confessional tem a missão de trabalhar a dimensão da religiosidade e da espiritualidade, pois nisto consiste o seu diferencial em educação e também a sua natureza.

O presente trabalho é o registro de uma prática, de uma experiência construída a muitas mãos, celebrada pelas pessoas que dela fazem parte, deixando assim a sua marca. É também a marca de uma instituição comprometida com a educação transformadora, que acredita no ser humano, como um ser de mudança e de transcendência.

1 PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA NA PERSPECTIVA FREIRIANA

Paulo Freire trabalha o método da conscientização, mostra-se um pensador comprometido com a existência e tem sua filosofia de trabalho descrita em um de seus principais livros: *Pedagogia do Oprimido*. O ser humano é um ser histórico, inconcluso, isto o faz buscar e construir caminhos que podem ser libertadores ou opressores.

Para agir dentro de uma prática da liberdade é preciso dizer a sua palavra. Neste sentido a educação implica em conhecer os sujeitos, em criar ambiente propício ao diálogo e a escuta do outro, da sua história, do seu contexto.

A pedagogia emancipatória é a pedagogia da práxis, onde se dá a ação-reflexão-ação. A reflexão a partir da prática remete a um novo agir. A educação só tem sentido se está inserida no seu contexto, contemplando os sujeitos da ação.

O contexto de Paulo Freire, muito influenciou na pessoa que ele se tornou. Seu nome completo era Paulo Reglus Freire. Nasceu em Recife, no ano de 1921. O pai se chamava Joaquim Temístocles Freire e era oficial da Polícia Militar de Pernambuco e sua mãe se chamava Edeltrudes Neves Freire e era dona de casa. A família de Paulo Freire era de classe média, mas Paulo fazia muitas amizades com os meninos pobres. Desde pequeno ele começava a perceber as diferenças entre as pessoas e percebia como havia pessoas que eram menos favorecidas que outras e que este tipo de injustiça poderia ser mudado.

Depois de terminar o primário, Paulo Freire foi a Recife, onde continuou os estudos e depois cursou Direito. Casou-se com Elza e teve cinco filhos. Não exerceu a profissão de advocacia, trabalhou como professor no SESI (Serviço Social da Indústria) e depois como professor universitário, onde lecionou as matérias de História e Filosofia da Educação.

Mais tarde trabalhou no Movimento de Cultura Popular de Pernambuco, no campo da alfabetização de adultos. Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi exilado por ser considerado uma pessoa subversiva. Morou na Bolívia um breve período e depois no Chile por dezesseis anos. No Chile, Paulo Freire escreveu vários livros: *Educação como Prática da*

Liberdade, Ação Cultural para a Liberdade e seu mais famoso livro: Pedagogia do Oprimido.

Paulo Freire ainda trabalhou nos Estados Unidos na Universidade de Harvard e em Genebra no Conselho Mundial de Igrejas. No período que trabalhou no Conselho Mundial de Igrejas teve contato com a África, com a Nicarágua, com a Ásia e América (menos o Brasil) e a Oceania. Em 1979 Paulo Freire voltou para o Brasil e morou em São Paulo. Em seguida começou a lecionar na Universidade Católica e na Universidade Estadual de Campinas. Em 1986 morreu sua esposa e em 1988 Paulo Freire se casou com Ana Maria Araújo e assumiu a Secretaria Municipal de Educação, na cidade de São Paulo. Em 1991 deixou a Secretaria da Educação e voltou a escrever. Nos anos seguintes escreveu: A educação na cidade, Pedagogia da esperança, Política e educação, Professora sim, tia não, Cartas a Cristina, À sombra da mangueira e Pedagogia da autonomia. Paulo Freire morreu em 1997, deixando uma vasta obra e uma bela trajetória na educação.

Na sua obra, Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire fala de uma concepção bancária da educação, por muito tempo desenvolvida no nosso país, que tem sua marca no autoritarismo, em oposição a uma educação dialógica, como prática da liberdade, relação que acontece entre sujeitos mediados pela realidade.

Neste sentido, este capítulo aborda um paralelo entre a educação bancária e a educação dialógica e alguns princípios educacionais defendidos por Paulo Freire.

1.1 Educação “bancária” e educação dialógica

Na educação bancária, o educando é visto como alguém que não sabe. O educador é aquele que sabe, comunica a sua verdade para o educando que a recebe. É um modelo sem transformação. Segundo Paulo Freire “Só existe saber na invenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.¹

Este modelo de educação não desenvolve a consciência crítica, pois o educando passa a ser um repetidor de idéias prontas. O educando não é visto como sujeito. A relação que se estabelece é a de sujeito-objeto, onde o educando é um receptáculo vazio que recebe a instrução do educador.

A educação bancária trata de adaptar os educandos ao mundo. “Quanto mais adaptados, para a concepção “bancária”, tanto mais “educados”, porque adequados ao

¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 58.

mundo.”² A educação acontece sempre em uma realidade determinada, mas neste modelo de educação não há comunicação, porque não há diálogo das realidades.

Paulo Freire afirmava: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.³ Na educação dialógica há uma relação de sujeito-sujeito, onde tanto o educando como o educador aprendem e ensinam, pois ambos estão em contato com a realidade e são portadores de algum saber. Os seres humanos se educam em comunhão, numa relação dialogal.

Em Paulo Freire há um forte sentido comunitário, social, do saber que é construído no contato com o outra pessoa, é sempre uma relação de vida, de confiança no ser humano e de fé na possibilidade da transformação, do ser mais, a qual nos caracteriza como humanos.

Paulo Freire fala de uma prática problematizadora, onde os conteúdos são trabalhados não como verdades dadas, mas como questionamento, como reflexão sobre os conteúdos, despertando a curiosidade e admiração. A prática problematizadora é criadora, no sentido de desvelamento da realidade.

A educação passa a ser um grande desafio. Aventurar-se na compreensão do desafio, no exercício de captá-lo. Desta forma a educação é compreendida na sua dinamicidade e continuidade, pois o ser humano está sempre se colocando questões e descobrindo formas criativas de dar respostas a elas. A educação dialógica implica em engajamento deste ser humano enquanto relação com os outros seres e com o mundo.

Enquanto na concepção “bancária” - permite-se-nos a repetição insistente - o educador vai “enchendo” os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder da captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. ⁴

A realidade não é estática, a vida não é estática. Paulo Freire fala de uma educação envolvida com o seu tempo histórico, com as lutas, necessidades e realidades das mulheres e homens de cada contexto onde o educando está inserido.

A educação dialógica é processual. O ser humano vai se construindo e construindo o saber em comunhão com os outros seres humanos. Há uma busca constante do ser mais, para

² FREIRE, 1998, p. 63.

³ FREIRE, 1998, p. 68.

⁴ FREIRE, 1998, p. 71.

o qual fomos criados. Paulo Freire fala de uma vocação ontológica no ser humano, “como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora”.⁵ O ser humano é chamado a ser mais, está na sua raiz a sede de transcendência, a educação não pode contradizer a própria natureza humana, caso contrário estaria desumanizando e não trabalhando para o crescimento deste ser humano. Sobre a transcendência, esta capacidade de ser mais, que existe no ser humano, Freire afirma:

A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na sua ligação com seu criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião - religare- que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, que o liberta.⁶

O ser humano como ser inconcluso, finito, se reporta para seu criador. A relação do ser humano com o seu criador pode ser uma relação dialógica, de amizade, companheirismo, onde o ser humano se compreenda como co-criador, continuador da obra deixada por seu criador. A religião não deve ser instrumento de alienação ou de opressão, como muitas vezes foi compreendida na história. Em nome da religião pessoas foram mortas, criaram-se guerras e divisões. A religião tem a função de religar não somente os seres humanos com Deus, mas também os seres humanos entre si.

1.2 Princípios educacionais de Paulo Freire

Na concepção de educação desenvolvida por Paulo Freire encontramos alguns princípios educacionais apresentados na sua obra *Pedagogia do Oprimido*, e que serão destacados a seguir:

1.2.1 Diálogo

O diálogo é um princípio primordial na educação emancipatória. Para que o diálogo aconteça são necessários alguns elementos, entre eles o **amor**. “Não há diálogo, porém, se não

⁵ FREIRE, 1998, p. 72.

⁶ FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 40.

há um profundo amor ao mundo e aos homens”.⁷ Isto implica coragem, compromisso com a outra pessoa. Quem não considera a outra pessoa como um ser de valor, de dignidade nem se aproxima, muito menos lhe dirige a palavra ou é capaz de escutar. Este profundo amor pela vida, que gera esperança, que motiva para lutar por uma vida melhor, que predispõe para o encontro, na liberdade e respeito por aquele ou aquela com as quais dirigimos a palavra.

Estamos num tempo em que clamamos pela escuta de qualidade. A pressa, o correr para realizar tarefas, o deslocamento de um emprego para o outro, a competição do mercado não favorecem a escuta de qualidade. Na família, o tempo de estar junto é reduzido, é preciso descobrir tempos de qualidade para conviver e dialogar.

A escola também deve ser este espaço de escuta profunda para saber das necessidades dos educandos, do corpo docente e técnico administrativo, na tarefa de educar juntamente com a família. Muitas famílias têm a tendência de responsabilizar a escola por toda formação de seus filhos e suas filhas, descomprometendo-se de seu papel como primeiro núcleo formador.

Para dialogar é preciso **humildade**. “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante”.⁸ Quem já “sabe tudo” não precisa mais dialogar, já se considera detentor do saber. Diálogo é abertura para a outra pessoa. Saber-se como ser em construção, ser inacabado e finito, nos dá um sentido de realidade e de despojamento.

Ter a consciência de que tenho sempre algo a aprender com a outra pessoa, de que sei algumas coisas e a outra pessoa sabe outras, coloca-me em situação propícia para o diálogo. O diálogo é lugar de encontro, dos que buscam ser mais.

Outro elemento para o diálogo é a **fé**. Para transformar é preciso acreditar no ser humano, reconhecer que ele é capaz de mudança, capaz de transformação. Reconhecer que todos os seres humanos e não somente alguns têm a vocação ao ser mais. Para Paulo Freire “A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto existe antes mesmo que ele se instale.”⁹ O diálogo pressupõe saída de si e direcionamento para a outra pessoa.

Estes três elementos geram um clima de **confiança** entre os sujeitos. Só num ambiente de confiança é que se desenvolve um diálogo autêntico. Neste ambiente é possível se pronunciar.

Para dialogar é preciso **esperança**. “A esperança está na própria essência da

⁷ FREIRE, 1998, p. 79.

⁸ FREIRE, 1998, p. 80.

⁹ FREIRE, 1998, p. 81.

imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca”.¹⁰ Os seres humanos buscam em comunhão, em comunicação com outros homens. Não ter esperança é uma fuga, uma recusa do mundo. Para ser educador é preciso ser pessoa de esperança.

1.2.2 Participação

A educação emancipatória se dá na participação. “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.¹¹ O debate, a discussão, devem estar presentes numa prática participativa, problematizadora. A interação é buscada e incentivada pelo educador, proporcionando o exercício da reflexão e do pensar crítico a respeito dos fatos ou assuntos trabalhados.

Paulo Freire insiste no papel de cada ser humano, como um ser de valor, capaz de criar cultura, de dizer a sua palavra, de construir conhecimento a partir de sua experiência. “Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação”.¹² O educando que é compreendido como sujeito, terá parte na ação, não será mero ouvinte ou receptor, mas ator, construtor de seu processo de aprendizagem, conduzido pelo educador.

Não se trata de dar ênfase exagerada ao educando, pois desta forma só estaria trocando os papéis e o autoritarismo, estaria acontecendo não mais por parte do educador, mas por parte do educando.

1.3 Educação e esperança

Paulo Freire era um educador de extrema esperança. Não aquela esperança ingênua de acreditar que amanhã as coisas serão melhores, mas a esperança de quem luta para transformar o que está aí. Não se educa sem esperança. É preciso acreditar na possibilidade da mudança, da transformação. O que faz o ser humano buscar, querer aprender é sua condição de ser inconcluso.

¹⁰ FREIRE, 1998, p. 82.

¹¹ FREIRE, 1985, p. 96

¹² FREIRE, 1985, p. 93.

A esperança é exigência ontológica dos seres humanos. Mas, à medida que mulheres e homens se tornaram seres de relações com o mundo e com os outros, sua natureza histórica se acha condicionada à possibilidade de concretizar-se, ou não. A esperança na libertação não significa já, a libertação. É preciso lutar por ela, dentro das condições historicamente favoráveis. Se elas não existem, temos que pelear esperançadamente para criá-las.¹³

A esperança nos permite olhar para o futuro, ter sonhos e alimentar os sonhos das crianças e jovens as quais estão conosco na escola. Afirma Gadotti: “Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente.”¹⁴ É preciso redescobrir esta capacidade de sonhar na educação e buscar caminhos criativos para enfrentar as dificuldades inerentes a caminhada.

Hoje o educador precisa arcar com muitas responsabilidades perante o educando, pois este traz uma série de vivências para a sala de aula e que precisam ser tematizadas ou encaminhadas. Quando não há o suporte para este educador, ele acaba sobrecarregado.

A profissão do professor está se modificando, adquirindo uma nova identidade em nosso tempo. Qual seria o papel do professor hoje? Para Gadotti:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas.¹⁵

Mesmo com todo acesso a informação e a tecnologia, o educador continua tendo um papel social muito importante. Precisáramos nos perguntar se a escola está sendo um espaço interessante e prazeroso para aprendizagem. Se o modelo que temos favorece a aprendizagem, a curiosidade, a descoberta.

Sabemos que não queremos mais uma educação bancária, mas temos dificuldade para nos arriscar num modelo mais dialógico e participativo. Precisamos enfrentar uma mudança de mentalidade no campo da educação, tanto por parte dos educadores, como da escola e da sociedade.

¹³ FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 3 ed. São Paulo: Olho d'água, 2000, p. 30.

¹⁴ GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003, p. 11.

¹⁵ GADOTTI, 2003, p. 17.

A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de “passar conteúdos”.¹⁶

O papel do professor vai muito mais no sentido de ajudar os educandos a aprender a conviver e a viverem melhor. Há outras habilidades exigidas, que ultrapassam a mera transmissão de conhecimentos, é preciso criar conhecimento e favorecer este ambiente de criação junto aos educandos.

Paulo Freire acreditava que a educação precisava acontecer na alegria e na esperança. “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria.”¹⁷ Esta é uma perspectiva do ensino, como lugar do encontro afetivo, do diálogo amistoso, da descoberta, onde o educador é o condutor, mas jamais o único detentor do saber.

1.4 Educação Presente e Futuro

Diante das inquietações na qual se vê envolvida a escola, é preciso pensar numa educação para o futuro. A escola se vê envolvida num contexto de globalização, de capitalismo, de empobrecimento de muitos, de exclusão social. A escola particular, em especial, passa a ser vista como uma empresa que precisa se manter no mercado. Isto gera muita insegurança e incerteza quanto ao futuro.

Hugo Assmann contextualiza as mudanças ocorridas, apontando como a história humana entrou numa virada sem precedentes.

A transição desde organizações sociais relativamente pequenas a sociedades amplas e complexas aconteceu em menos de três séculos. Em menos de um século inverteu-se completamente a proporção entre o rural e o urbano como “nicho vital” da espécie humana (desde o início do século XX, o rural passou de mais de 80% a menos de 20%, e em alguns países a menos de 10%; o urbano, de menos de 20% a acima de 80%). E agora, em poucas décadas mergulhamos na sociedade de

¹⁶ GADOTTI, 2003, p. 26.

¹⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 80.

informação (SI). E ela veio para ficar e intensificar-se. Ela não espera por ninguém.¹⁸

Vivemos uma época de rápidas mudanças. Nunca foram tão rápidas as mutações vividas, e um destes fatores é a revolução tecnológica, as tecnologias de informação e comunicação. O mercado está globalizado e com o processo avançado da tecnologia, surgem como efeito, o desemprego e a exclusão. Nunca estamos suficientemente informados, dado a velocidade das informações e coisas novas que são criadas a cada minuto.

O mais alarmante é que, segundo Assmann, não há plano mundial, nem nacional no horizonte próximo de futuro, com políticas econômicas e sociais orientadas a salvar todas as vidas humanas existentes. Ao mesmo tempo em que presenciamos grandes avanços tecnológicos, vivemos esta contradição, da falta do mínimo necessário para boa parte da população. Com isto a educação tem um papel determinante a fim de se criar uma sensibilidade social e ser reorientada a humanidade.

Estamos vivendo uma crise de paradigmas. A educação que era vista de uma forma linear, hoje é entendida de forma complexa. Morin trata desta temática que exige uma visão transdisciplinar do conhecimento. Ele sistematizou, a pedido da UNESCO, os sete saberes necessários a educação do futuro.¹⁹

1. As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

Morin fala da possibilidade do erro e da ilusão em todo conhecimento. Nossos sentidos podem nos enganar, como também nossas percepções. E se deixássemos de lado a afetividade? Não existe, para o ser humano, conhecimento sem afetividade. Não existe, desenvolvimento da inteligência sem afetividade. Há um eixo entre intelecto e afeto indispensável ao comportamento racional. Precisamos nos inteirar sobre as possibilidades de conhecer. Precisamos de um paradigma que permita o conhecimento complexo, que desenvolva nova geração de teorias abertas, racionais, críticas. O que aconteceu com o século XX? Presenciamos tantas desorientações. A educação tem a tarefa de orientar para a lucidez.

2. Os princípios do conhecimento pertinente

Morin fala da importante reforma do pensamento, pois vivemos uma era planetária e

¹⁸ ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 17.

¹⁹ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

precisamos ter a visão do Global, do Multidimensional, do Complexo. Ao mesmo tempo que vemos os saberes desunidos, compartimentados, os problemas são multidisciplinares, transversais, planetários. A educação deve trabalhar com a inteligência geral, que possibilita o exercício da curiosidade. Sem a percepção global, há um enfraquecimento da responsabilidade e solidariedade dos cidadãos.

3. Ensinar a condição humana

Neste ponto, Morin afirma a importância dos seres humanos reconhecerem sua humanidade comum e a diversidade cultural inerente ao humano. Precisamos questionar nossa posição no mundo como humanos. Não é possível compreender o ser humano com um pensamento disjuntivo, isto é, compreendendo a humanidade fora do cosmo que a rodeia, entendendo a unidade humana como simplesmente bio-anatômico. A idéia de Universo ordenado é substituída pelo antagonismo entre desordem e organização, trata-se da auto-organização viva.

4. Ensinar a identidade terrena

Para Morin, uma das dificuldades para conhecer o nosso Mundo é a falta de aptidão de contextualizar e globalizar, exigências da era planetária. Precisamos de um pensamento policêntrico, consciente da unidade - diversidade da condição humana. A educação do futuro deve trabalhar na era planetária, para a identidade e consciência terrena. O desenvolvimento tornou-se insustentável, pois foi pensado somente de modo técnico- econômico, há necessidade de uma noção complexa do desenvolvimento, também na linha intelectual, afetiva, moral. Precisamos inventar a cidadania terrestre, e a educação como transmissora do antigo, aberta para o novo, terá esta missão.

5. Enfrentar as incertezas

Morin afirma que o futuro permanece aberto e imprevisível. Normalmente as criações surgem como desvios à normalidade, começam a partir de criações locais. A evolução começa desorganizadora-reorganizadora no seu processo de transformação, grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas. Precisamos enfrentar as incertezas, pois vivemos em época de mudança. É preciso enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza e isto com estratégias que permitam o seu enfrentamento. Reconhecer o caráter incerto e frágil do progresso, não significa a renúncia a um mundo melhor.

6. Ensinar a compreensão

Conforme Morin, a comunicação que é tão amplamente difundida com redes, fax, telefones, Internet, produzindo progressos na compreensão, por outro lado apresenta uma incompreensão ainda maior. Educar para a compreensão, compreende a missão espiritual da educação, condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Precisamos estudar a incompreensão a partir de suas raízes, modalidades e efeitos, para perceber as causas do racismo, da xenofobia, do desprezo. Precisamos educar para a paz, a que estamos ligados por essência e vocação.

7. A ética do gênero humano

Segundo Morin indivíduo/sociedade/espécie são co-produtores um do outro, são meio e fim um do outro. Nenhum destes pode ser entendido como fim supremo. Do seio desta tríade emerge a consciência. Como missão antropológica do milênio é preciso:

Trabalhar para a humanização da humanidade; efetuar a dupla pilotagem do planeta: obedecer a vida, guiar a vida; alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética do gênero humano.²⁰

Para o autor há duas grandes finalidades ético-políticas no novo milênio: a democracia e a Humanidade se conceber como comunidade planetária. O papel da educação é de tomada de consciência de nossa Terra-Pátria, que nos leve a realizar a cidadania terrena.

²⁰ MORIN, 2000, p.106.

2 A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA COMO MISSÃO EDUCATIVA NO CONTEXTO DAS IENS

A Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora tem por carisma o trabalho com a educação e está presente nos cinco continentes, atuando em escolas, pastorais, comunidades. A fundadora, Madre Teresa de Jesus Gerhardinger, acreditava numa pedagogia que não quer desenvolver apenas a inteligência, mas toda a personalidade. Ela acreditava que, mais do que transmissão de conhecimentos e preparação técnica, a escola deve preparar para a vida e para a formação do caráter.

Hoje a Congregação sente a necessidade de ser fiel a intuição primeira da fundadora. Fala-se em refundação, voltar as origens, para redescobrir os caminhos de uma educação transformadora. Todas as irmãs são convocadas à transformação através do chamado do Capítulo Geral das IENS.

Os educadores das escolas das Irmãs Escolares na América Latina elegeram alguns princípios para nortear o seu trabalho: firmeza e compreensão, ternura e humildade, preparo intelectual, educação personalizada e libertadora, entre outras. Educação Transformadora tem a ver com a educação de cidadãos conscientes e comprometidos com os valores evangélicos.

2.1 Aspectos históricos da Congregação

A Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora - IENS, teve seu início no dia 24 de outubro de 1833, na Alemanha. Carolina Gerhardinger e outras duas jovens começaram uma vida religiosa em comum, em Neunburg vorm Wald, Baviera.

Carolina Gerhardinger nasceu no dia 20 de junho de 1797, numa pequena cidade da Baviera, em Stadtamhof, próximo ao Rio Danúbio, a pouca distância de Regensburg, na época, uma importante sede episcopal.

A educação de Carolina foi fortemente influenciada pela família. Seus pais se

chamavam Willibald Gerhardinger e Francisca Huber. Carolina era filha única. Seus pais eram católicos fiéis da classe média. Sua mãe era uma mulher perspicaz e de muita atividade, cuidava da casa e dos negócios da família, com transporte de mercadorias.

Carolina fazia muitas viagens com seu pai, especialmente em Viena, o que lhe permitiu ter contato com muitas pessoas e culturas diferentes. Carolina estudou na escola das Irmãs de Notre Dame como externa. Iniciou na escola com seis anos de idade. Com nove anos pode fazer sua primeira comunhão visto sua piedade. As demais colegas tinham doze anos. Carolina completou o curso primário sendo a mais jovem da turma.

Circunstâncias políticas e religiosas, decorrentes do iluminismo e da Revolução Francesa, criaram no século XIX, na Alemanha, uma situação educacional desesperadora com efeitos de longo alcance sobre a Igreja e a sociedade.

A insistência do racionalismo afetou o apreço da educação cristã. Houve o confisco das posses da Igreja pelo Estado, o que levou ao fechamento de muitas escolas conventuais, tornando impossível para as meninas receberem uma educação, mesmo elementar.

O fechamento da escola conventual de Stadtamhof, Regensburg, dirigida pelas Cônegas de Notre Dame, despertou em Carolina Gerhardinger, então sua aluna, uma sensibilidade crescente sobre a crítica situação.

O contexto da época é assim descrito:

Em 1648, o tratado da Westfália tinha terminado a “Guerra dos Trinta Anos”, muitas vezes citada como guerra religiosa. Este conflito viu monarquias católicas aliadas com monarquias protestantes, contra outras nações católicas para criar “equilíbrio de poder”, um conceito que dominaria mais tarde o movimento político do século XIX na Europa. Em 1806, o Santo Império Romano foi dissolvido e substituído por uma criação Napoleônica, a “Confederação do Reno”. Excluindo a Prússia e a Áustria da sua reorganização dos territórios alemães; Napoleão procurou estes poderes maiores. Por outro lado, através da secularização de muitas terras da Igreja, algumas das quais eram adquiridas pela Baviera, ele fortificou, tornando-a um estado mais proeminente. Foi nesta época crítica que um bom número de ordens de ensino, na Baviera, foram secularizadas, entre elas, como vimos, a Congregação de Notre Dame, fundada na Lorraine (Lorena), no fim do século XVI, por São Pedro Fourier.²¹

A pedido do Padre Miguel Wittmann, de Regensburg, Carolina e duas companheiras foram convidadas para serem professoras na escola para meninas em Stadtamhof, que continuava como escola paroquial. Padre Wittman era o orientador deste pequeno grupo. Aos

²¹ IENS - **Madre Teresa, mulher de visão**. Baltimore, 1979 Tradução por Ir. Tarcísia Schwade, p. 18.

poucos Carolina é despertada para iniciar um grupo de vida religiosa. Ela conversava com Padre Wittman sobre seu desejo de fazer renascer a vida religiosa e de sua resolução de fundar uma comunidade religiosa, para trabalhar na educação.

O Padre George Miguel Wittman foi educado pelos jesuítas e aspirava ingressar nesta ordem. Era escolástico, escritor bíblico e professor preocupado com a educação. Por muitos anos acompanhou a formação do clero no seminário diocesano de Regensburg. Era uma pessoa entusiasmada e de grande lealdade à Igreja.

Wittman sentia a necessidade de Congregações Religiosas Renovadas. Ele fazia planos para a substituição da Congregação de Notre Dame. Suas idéias sobre pobreza e apostolado vieram a ter ressonância em Carolina. Ela acreditava que a renovação da sociedade dependia da família cristã. Acreditava na importância do papel da mulher na família como primeira educadora. Na época teve preferência por um Instituto diferente do modelo de mosteiros grandes e formais. Na visão de Wittman, ele imaginava:

Um Instituto que enviasse os seus membros de dois a dois e três a três, pelo país. O essencial para este seu esquema era a mobilidade, formação comum, uma casa mãe para a formação e educação das postulantes e noviças e para o cuidado das doentes e das irmãs idosas, bem como uma Superiora Geral para a administração Geral.²²

Wittman e Carolina decidiram dedicar a sua comunidade ao serviço da educação cristã das meninas. A maior preocupação era sempre pelas mais pobres entre elas, nas pequenas cidades e aldeias. Wittman não sobreviveu para ver a fundação do Instituto idealizado por ele e Carolina. Morreu repentinamente na época da fundação. Carolina foi apoiada por um amigo de Wittman, o Padre Francisco Sebastião Job, que a ajudou a fundar a Congregação em 1833.

Carolina passa a se chamar Madre Teresa de Jesus e reelabora a regra das Cônegas de Notre Dame. A regra de Notre Dame foi iniciada por Alix Le Clerc e Pedro Fourier, em 1597 e tinha como inspiração a regra de Santo Agostinho.

A nova regra tinha influência de Francisco Sebastião Job. No livro Espírito da Constituição encontramos os três elementos significativos para as Irmãs Escolares:

Já este título designa toda a extensão de sua vocação e de sua constituição:

1. A POBREZA - o fundamento do instituto.
2. A ESCOLA - o objetivo principal.

²² IENS. 1979, p.22.

3. A COMUNIDADE - o elo espiritual.²³

A espiritualidade de Madre Teresa muito influenciou a Congregação. Seu amor Eucarístico, a levava a rezar por grandes períodos em adoração, onde ela colocava as necessidades da nova Congregação.

Ela nutria um grande desejo de conhecer a Deus e fazer a sua vontade. O que ela queria era a glória de Deus e a difusão de seu Reino. A Congregação tinha como fundamento a pobreza, pois ela desejava ser presença atuante junto aos pobres e necessitados. Dedicou a Congregação a Maria, que se tornou um exemplo para si, para as demais irmãs, e para aqueles e aquelas a quem serviam. Assim a Congregação surge de uma necessidade da época, de um apelo evangélico em prol da educação.

Quanto a educação, não lhe interessava apenas o conhecimento, mas também a formação do caráter. Madre Teresa tinha um grande espírito missionário, pois enviava as irmãs de duas a duas ou de três em três, onde quer que fosse chamada, mesmo nas regiões mais distantes e pobres.

A Unidade foi uma grande meta para a Congregação, que se espalhou pelos cinco continentes. Para isso era necessário um governo central unificador. Madre Teresa dizia: “Se a unidade nos une..., vamos, contentes com o pouco que temos, ao mundo todo, às menores vilas, às choupanas mais pobres, para onde o Senhor nos chamar, para levar às crianças pobres, a Boa Nova do Reino de Deus.”²⁴

Muitas vezes, Madre Teresa foi mal entendida sobre o governo da Congregação, mas através da confiança em Deus e sua lealdade à Igreja era fortalecida em seu sofrimento. A vida de Madre Teresa foi marcada pelo mistério Pascal. Ela dizia as suas irmãs: “Todas as obras de Deus se realizam devagar e no sofrimento, mas suas raízes ao mesmo tempo, se tornam mais vigorosas e suas flores mais belas.”²⁵ Extrema pobreza marcaram o início da obra. As irmãs também viveram tempos de desprezo e calúnia por parte daqueles que não podiam aceitar os seus valores. Em 1870 as irmãs foram expulsas de sua terra natal na Westfália e na Silésia, por pressões políticas.

Na morte de Madre Teresa, em 1879, mais de 2500 irmãs viviam a vida religiosa nesta Congregação. As irmãs foram ao encontro das necessidades de seu tempo, educaram as meninas como era costume na época, trabalharam em orfanatos, creches e escolas industriais.

²³ JOB, Franz Sebastian. **O Espírito da Constituição**. Porto Alegre: Paloti, 1985, p. 15.

²⁴ GERHARDINGER, Maria Teresa de Jesus. **Confiar e Arriscar**. 2 ed. Porto Alegre, 2002, p.110.

²⁵ GERHARDINGER, 2002, p. 36

Trabalhavam na formação de professores, foram inovadoras no trabalho com jardins de infância, estabeleceram pensionatos e escolas noturnas onde elas podiam receber educação básica.

Madre Teresa foi uma pessoa empreendedora e apaixonada pelo Reino de Deus. No final de sua vida ela afirmou: “Gostaria que não me acusassem no túmulo, por ter empreendido demais, iniciado coisas grandes demais, por ter difundido demais a obra de Deus. O futuro esclarecerá melhor os fatos.”²⁶

2.2 Convocadas à transformação

Hoje, toda a Congregação, procura atualizar o legado deixado por esta grande líder e educadora de visão mundial, Madre Teresa de Jesus. Em outubro de 2002, as lideranças da Congregação se reuniram em Roma a fim de rezar e discernir os caminhos de sua missão para o nosso tempo.

Deste encontro, onde se aprofundou a espiritualidade, o carisma e a missão das IENS, saiu o desafio e a convocação a todas as irmãs, para abrir a sua vida a uma transformação radical por causa da missão de Cristo.

Ouvimos o clamor de nosso mundo. Embora sendo obra preciosa e bela no plano de Deus, a terra e seu povo estão, hoje, numa condição fragilizada, dividida e fragmentada. Ao mesmo tempo em que experienciamos esperança nos muitos esforços para uma maior colaboração na construção da paz em nossa comunidade humana, vemos, também, que a expansão da globalização está aumentando a distância entre ricos e pobres. Apreciamos o dom da riqueza do pluralismo das culturas e das religiões no mundo. No entanto, vemos como, freqüentemente, os seres humanos tratam uns aos outros com ignorância, hostilidade e violência.²⁷

Diante desta realidade, com suas luzes e sombras, queremos afirmar a força da vida, que num movimento criativo nos impulsiona a servir, a abrir caminhos para o diálogo, para a conversão a uma vida simples, comprometida com a solidariedade e uma espiritualidade apostólica.

Como compromisso assumimos:

- a contemplação como estilo de vida, focadas na pessoa de Jesus Cristo;
- a reflexão teológica, para melhor compreender e viver nossa espiritualidade

²⁶GERHARDINGER, 2002, p. 114.

²⁷ IENS - **Convocadas à Transformação**. Roma, 2002, p. 2 (apost.)

- e carisma de Irmãs Escolares na Igreja e no mundo de hoje;
- a visão de educação de que o mundo pode ser mudado pela transformação das pessoas;
 - conversão pessoal e comunitária, responsabilidade evangélica de viver simples, de fazer nossas as preocupações dos pobres e reverenciar toda a criação;
 - testemunhar reconciliação e unidade nas comunidades locais e multiculturais da congregação.

2.3 Rede SHALOM

SHALOM é a Rede Internacional da Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora para a Justiça, Paz e Integridade da Criação.²⁸ São membros da Rede todas as Irmãs Escolares, formandas, associados e funcionários empregados para este trabalho.

A Rede surgiu como um apelo das Irmãs diante da realidade, como uma atitude profética junto àqueles que clamam por justiça. É uma rede orientada para a ação, que pretende trabalhar para implantar estruturas mais justas e mudar as estruturas injustas que impedem a vida.

SHALOM tem por meta realizar ações que levem à reconciliação, solidariedade com os oprimidos, promoção da dignidade humana, colaboração com movimentos ecológicos para salvaguardar a terra. Compromete-se a trabalhar contra a violência, a manipulação da verdade, os ataques à família, a desumanização da mulher e o abandono da crianças.

Conforme documento, os objetivos da SHALOM são:

Despertar nossa consciência (Irmãs Escolares), e daqueles com quem trabalhamos, para anunciar a justiça, denunciar injustiças, fortalecer estruturas justas e modificar estruturas injustas. Criar alternativas viáveis para a cultura de morte. Usar as oportunidades para desempenhar uma influência positiva nos meios de comunicação de massa. Desenvolver e integrar em nosso ministério materiais e modelos que promovem a libertação das pessoas e diminuem a realidade de sua opressão. Desenvolver ações apropriadas para responder, rapidamente, a situações injustas. Apoiar, pela nossa presença ativa, àqueles cujas vidas estão em perigo por causa de seu trabalho pela justiça ou seu comprometimento com os empobrecidos.

²⁸ IENS - Documento de Shalom. Roma, 2002 b, p.1 (apost)

Pensar globalmente e agir a nível local e global. Reverenciar a terra e procurar aprofundar nosso relacionamento com toda a criação.²⁹

2.4 Madre Teresa e os desafios da educação na América Latina

Hoje os tempos são outros, mas os desafios na educação permanecem. O ministério das Irmãs Escolares está situado no carisma educacional. O que as Irmãs Escolares de Nossa Senhora - IENS entendem por educação está descrito na Constituição, regra de vida para as irmãs:

Para nós, educação significa tornar as pessoas capazes de alcançar a plenitude do seu potencial como seres criados à imagem de Deus e ajudá-las a colocar os seus dons à disposição para humanizar a terra. A exemplo de Madre Teresa, educamos na convicção de que o mundo pode ser mudado pela transformação das pessoas. Assim, o nosso ministério exige uma visão cristã daquilo que a pessoa humana é chamada a ser e daquilo que o mundo é destinado a tornar-se.³⁰

Há uma busca pelo ser mais e uma fé no humano, na possibilidade de transformação, o que não acontece só nos outros ou outras, mas a partir de si mesmo. Trabalhando as pessoas e nós mesmas, estaremos trabalhando a mudança no mundo.

Já vimos a influência que Madre Teresa teve no seu tempo, sua visão ampla de educação e como ela ousou trabalhar nos lugares mais pobres, onde quer que fosse chamada. A situação de conflito daquela época exigiu criatividade e muita coragem para iniciar caminhos novos, até mesmo diferentes dos modelos conventuais da época.

Hoje a realidade de educação é muito diferente do tempo de Madre Teresa, o que novamente nos exige coragem e criatividade diante da nova realidade. No encontro de Educação da América Latina, acontecido em maio de 2005, em Viamão, foi discutido sobre a Visão da Educação na Congregação e na América Latina.

Ir. Mary Francine Perez e Ir. Laura Jean Spaeth, conselheiras gerais, refletiram com os educadores da América Latina, que trabalham com as irmãs Escolares, sobre este tema. Elas reconhecem, que nossa visão de educação, profundamente enraizada, não se alterou daquela

²⁹ IENS. 2002 b, p.2 (apost),

³⁰ IENS. **Vós sois Enviadas** (Constituição e Diretório Geral das Irmãs Escolares de Nossa Senhora) São Paulo, 1987, p.25.

realizada no tempo de Madre Teresa, mas a realidade é completamente outra. Para isto nossa maneira de educar também precisa mudar.

Afirmam que é necessário uma educação contra-cultural baseada em valores que dão mais importância ao desenvolvimento humano do que ao progresso econômico.

Desde 1992, a nossa Congregação estabeleceu um relacionamento com as Nações Unidas como Organização Não-Governamental, e desde então temos uma irmã como diretora na ONU, com tempo integral para estabelecer e aprofundar nossos relacionamentos de influência sobre vários assuntos e também os tratados em conferências mundiais. Continuamente ouvimos esta diretora dizer: - “ A Educação é crítica em todos os temas abordados; é a maior necessidade pela qual o mundo está realmente clamando - educação é fundamental.” E a educação das meninas é um dos oito Objetivos das Nações Unidas para o Milênio, para a erradicação da pobreza e construção de um mundo melhor.³¹

Entendemos que, como comunidade eclesial, temos uma missão na Igreja e na sociedade. Nossa missão é desenvolvida através do carisma de Madre Teresa, isto é, o dom que ela foi para a Igreja bem como a sua obra em vista da promoção humana através da educação. Na Constituição temos definido a nossa missão:

A nossa missão é proclamar a Boa Nova, como Irmãs Escolares de Nossa Senhora, orientando toda a nossa vida para aquela unidade para a qual Jesus Cristo foi enviado. Como Ele foi enviado para manifestar o amor do Pai ao mundo, assim nós somos enviadas a tornar Cristo visível, pela partilha de nosso amor, fé e esperança.
³²

Como é possível tornar Cristo presente hoje, no nosso mundo fragmentado, dividido, com tantas situações de morte e não vida? A que Deus nos chama hoje? Estes questionamentos vem acompanhando a Congregação e desafiando a cada irmã a encontrar caminhos possíveis de vivenciar o Evangelho hoje.

Um elemento importante a ser analisado é a questão da globalização, fenômeno social que distancia países pobres de países ricos, aumentando as distâncias econômicas. Não se nega aqui as vantagens da comunicação e possibilidade de reunir pessoas. Quem mais sofre neste contexto é a América Latina, desfavorecida pela desigualdade, exclusão e dominação.

³¹ Palestra proferida por Ir. Francine Perez e Ir. Laura Jean Spaeth no Encontro de Educação da América Latina - CLAE em maio de 2005, Viamão/ RS, p.2.

³² IENS. 1987, p.18.

No encontro de educadores da América Latina foram apresentados, pelas conselheiras, alguns princípios que orientam uma educação transformadora, com base na Doutrina Social da Igreja.

a) Uma educação que transforma precisa ser profundamente espiritual.

Para isto é preciso cultivar um profundo relacionamento com Deus, contemplar Jesus Cristo como Caminho, Verdade e Vida. Para continuar a missão de Cristo é preciso estar imbuído ou imbuída de seus ensinamentos, a fim de que a nossa ação não seja mero ativismo. Nossa espiritualidade é fundamentada na contemplação na ação. Olhar com o coração de Deus e julgar com seu coração e tratar a todos com seu amor compassivo.

Educação transformadora, neste sentido, restaura a unidade essencial da caminhada. Estamos, como educadores e educadoras, sendo chamados a restaurar e restituir, a chamar a vida para o Centro. Toda a criação está inter-relacionada. Madre Teresa entendia que a educação era um caminho para restaurar o sonho do Criador, na medida em que trabalha pela unidade e renova a sociedade de uma forma cristã.. “Como Tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo... a fim de que todos sejam um... para que o mundo creia que Tu me enviaste.” (Jo17, 18.21) ³³

A educação transformadora para as IENS, deve trazer presente a realidade social que molda nossas vidas, nos desafiando à ação através da oração e da reflexão, para poder ouvir a voz de Deus e reconhecer a graça de Deus nos dias de hoje. Somos corresponsáveis, cocriadores de um mundo melhor, desta forma testemunhas vivas do Evangelho.

b) A educação que transforma é a que confronta criticamente a realidade.

É preciso estar atenta ao que a sociedade nos apresenta, examinar cuidadosamente os sinais de nossos tempos à luz dos valores que Jesus ensinou. Nós apreciamos o progresso e o desenvolvimento, desde que sejam eticamente concebidos. Como educadores não podemos ficar alheios ao que a mídia, meios de comunicação, tecnologias nos apresentam, mas nos posicionamos de uma forma crítica e prudente.

Como educadoras, desenvolvemos em nós e nos outros, o senso crítico referente aos meios de comunicação. Usamo-los com prudência e criatividade. Cultivamos nas pessoas qualidades de liderança que as tornam capazes de exercer uma influência cristã na sociedade. Por sua vez, a sua liderança confirma e apóia nossos esforços e

³³ IENS, 1987, p. 19.

intensifica em nós o desejo de responder a necessidades urgentes ainda não atendidas.³⁴

O senso crítico humaniza o processo educacional, para que este possa estar a serviço da vida. Nossa missão é uma missão profética, que busca perceber onde se promovem os sinais de vida e de denúncia àquilo que degrada a vida.

Como educadores, junto aos estudantes, precisamos entrar num diálogo sério sobre o sentido da vida e sobre o como estamos projetando alternativas para uma vida mais digna e humana. Despertar a curiosidade e o espírito criativo, para através da reflexão crítica, levar a uma ação libertadora.

c) Numa educação que transforma, a pessoa é o Centro

Não uma educação centrada em conteúdos, mas na pessoa, desenvolvendo o potencial de cada educando. O educando não é visto como vasilha a ser preenchida, mas como lâmpada que precisa ser acesa.

Madre Teresa não excluía ninguém, mas tinha um olhar especial para os mais pobres e desamparados. Também se preocupava com a promoção da dignidade da mulher. Madre Teresa insistia na importância da mente e do coração, do intelecto e do espírito caminharem juntos. Conhecimento e prática não devem ser dissociados.

Para as IENS educação do coração significa o cultivo do sentido do valor-próprio e o crescimento tanto intelectual como emocional, enfatizando o respeito por cada pessoa e por toda criação.

Somos educadoras em tudo que somos e fazemos. Sempre escolhemos maneiras de viver e servir que favorecem o crescimento. Respondendo a necessidades diversas, nós nos engajamos em uma variedade de ministérios, de serviços específicos, através dos quais trabalhamos pela formação integral das pessoas.³⁵

O papel do educador, é o de levar os educandos, a novas formas de pensar e ver, através de uma busca comum pela verdade. Esta busca é feita juntos, com educandos e educadores. Temos consciência de que os centros de poder industrial e econômico buscam profissionais para o mercado de trabalho, e muitas vezes têm a intenção de fazer da educação

³⁴ IENS. 1987, p. 77.

³⁵ IENS. 1987, p. 26.

um instrumento para seu próprio fim.

A escola precisa procurar o equilíbrio entre preparar os estudantes para o mercado de trabalho, bem como preparar os estudantes para a vida, fundamentando o ensino em valores cristãos. O objetivo da educação vai além do desejo do mercado, que busca o lucro e o consumismo.

d) Educação que transforma está fundamentada na solidariedade e deve ser profundamente comunitária por natureza e na prática

Vivemos em comunidade, continuamente nos relacionamos com pessoas, grupos. Nosso desenvolvimento como pessoa e crescimento, acontecem em ambientes de cuidado entre os seres humanos. Em nosso contexto de mundo, vemos distâncias entre ricos e pobres, exclusão social, desigualdades econômicas. O plano de Deus prevê outra realidade. Jesus veio mostrar, por sua vida e testemunho, que o Pai deseja que todos sejam UM. A unidade foi a força motora na vida de Madre Teresa, por isso ela se dedicou, doou a sua vida e acreditou na educação, como um caminho de gerar mais vida entre as pessoas.

Somos convocados e convocadas a acreditar num outro mundo possível e trabalhar pela sua concretização. Uma educação comunitária é inclusiva, não discrimina ninguém de seu olhar. A pessoa tem importância na comunidade da criação de Deus. Educação comunitária forma consciências para vencer apatias e preconceitos, deixando claro o sentido do bem-comum.

Desta forma, nos sentimos responsáveis como seres humanos, com Deus, um para com o outro e com toda a criação. Somos co-responsáveis, desenvolvendo o sentido da partilha e assegurando o direito e a dignidade de todos, num mundo de ganância. Isto exige uma espiritualidade da solidariedade e da comunhão, nascida da caridade, principalmente com os mais pobres. Uma comunidade humanitária desfaz e dissolve estruturas de violência. Precisamos de uma pedagogia da paz que seja mútua e participativa. É preciso fomentar o poder da partilha, do trabalho em rede, da colaboração, do procurar juntos por soluções pacíficas para conflitos e problemas.

e) Educação transformadora conduz a ações transformadoras impregnadas de Esperança

A Esperança é a virtude do cristão. A Boa Nova de Jesus foi uma mensagem de esperança, na qual a vida e o mundo podiam ser transformados pelo próprio amor transcendente, tornando-se uma nova criação. Não se trata de uma esperança de braços cruzados, que passivamente espera por uma ação mágica, mas aquela que diminui a distância

entre a realidade e o ideal. É a esperança que se realiza através da conscientização, de análise e discernimento dos sinais de nosso tempo com os olhos e coração de Jesus.

A esperança nos faz agir com pessoas de boa vontade que querem construir um mundo melhor, o mundo que Deus tinha em mente ao nos criar. Para fazer isto é preciso unir nossas mãos e corações com pessoas de boa vontade, outros educadores, famílias e comunidade maior. Como mulheres e homens educamos na convicção de que um novo mundo é possível.

2.5 O educador, a educadora

Em suas cartas, Madre Teresa afirmava que os educadores deveriam aparecer diante dos educandos com rosto alegre e com dignidade. Deveriam ser capazes de educar com entusiasmo e alegria..(Carta 714).³⁶

Em outro momento ela afirma, que é o amor que conquista a criança e o jovem e não a severidade.(Carta 728).³⁷ O educador, educadora educam muito pelo exemplo, pela alegria de servir, de compartilhar saberes, o que exige uma postura de humildade e de doação. O educador, educadora precisa estar continuamente se aperfeiçoando, buscando capacitação e preparo profissional para seu fazer pedagógico. Madre Teresa já tinha esta consciência na sua época e orientava as irmãs para que buscassem este preparo.

Ela apostava numa educação integral, onde, junto ao conhecimento científico se associasse o conhecimento e a prática da doutrina cristã, que seria o alicerce para a organização familiar e fundamento para uma prática social transformadora.

No documento de Educação para as IENS na América Latina encontramos:

Entende-se por educação, um processo contínuo e global que envolve a pessoa em sua totalidade, percebendo-a como agente ativo na construção da própria vida, e realiza-se em espaços formais e informais, com o propósito de humanizá-la para que possa assumir o compromisso de transformação do mundo. Entende-se o processo educativo mediante metodologias e ações que revelem valores perenes e o sentido da própria vida, e que considere o sujeito nas suas necessidades e condições.³⁸

Neste processo, o educador ou educadora, também precisam ser vistos como sujeitos, para que ele ou ela não venha a reproduzir os modelos autoritários pelos quais muitas vezes

³⁶ IENS, 1999, p. 30.

³⁷ IENS, 1999, p. 30.

³⁸ IENS, 1999, p. 23.

foi submetido. Uma educação transformadora vai mudando os paradigmas na escola, na medida que ela se torna mais participativa e vai desenvolvendo o espírito crítico em todos os segmentos da mesma.

2.6 Princípios educacionais de Madre Teresa

Madre Teresa sabia da importância da educação para a sociedade. Insistia numa formação sólida para os educadores, a fim de que estes pudessem preparar bem os educandos para serem cidadão conscientes e comprometidos com os valores evangélicos.

Os princípios educacionais apresentados a seguir, foram retirados do Documento Madre Teresa e os desafios da Educação: “*Firmeza e compreensão*: A pessoa humana, desde cedo, deve desenvolver posturas de ordem e moderação, de trabalho e luta, assim, será capaz de enfrentar as dificuldades de sua vocação e as contrariedades da vida.(Carta 728)”³⁹ Na educação é preciso trabalhar com equilíbrio as dimensões da firmeza e da compreensão, para que os educandos formem seu caráter.

Reconhecer-se como um ser em construção, ser uma pessoa afetiva. “*Ternura e humildade*: Quem se propõe a educar, necessita cultivar a confiança em Deus, ser meigo e sem soberba, trabalhar com amor compassivo, paciência e humildade. (Carta732)”⁴⁰

“*Preparo Intelectual*: Dá se grande valor ao preparo intelectual do educador, pois, tal como o sementeiro, ele não sai ao campo de mãos vazias. É necessário aproveitar as oportunidades de aperfeiçoamento, para aprofundar a formação do espírito e do coração. (Cartas 268, 714)”⁴¹ A formação do profissional deve ser contínua, para que este tenha as competências necessárias para enfrentar os desafios de nosso tempo. “*Alegria*: Confiante na graça de Deus, o educador cultive a jovialidade de espírito e a alegria de coração. Com o rosto alegre e com dignidade devem os educadores aparecer diante dos educandos. (Carta 64, 714)”⁴² A ação de educar deve ser prazerosa e transmitir a alegria de estar fazendo novas descobertas.

“*Ensino e Educação*: Tenha-se a profunda convicção de que a simples transmissão de conhecimento não tem valor. A verdadeira educação é aquela que humaniza e transforma. (Carta 64, 714)”⁴³ O conhecimento pode ser adquirido de muitas formas, mas o que está em

³⁹ IENS. **Madre Teresa e os Desafios da Educação**. Porto Alegre, 1999, p. 34. (apost)

⁴⁰ IENS, 1999, p. 34

⁴¹ IENS, 1999, p. 35.

⁴² IENS, 1999, p. 35.

⁴³ IENS, 1999, p. 35.

jogo é o que fazer com este conhecimento, pois posso usá-lo para manipular ou para transformar e humanizar. “*Escola para a vida: Queremos preparar o educando para uma vida digna e de qualidade. O nosso ensino deve educar pela solidez e exatidão, para a justiça, solidariedade e transcendência. (Carta 144)*”⁴⁴ O objetivo da educação é preparar cidadãos conscientes, éticos, que atuem com responsabilidade na sociedade.

“*Educação Personalizada: Em oposição à assim chamada educação coletiva, a índole e as necessidades de cada educando em particular, sejam inteligentemente estudadas e aproveitadas como base de uma educação eficiente. Isto é a coroa de todo o trabalho educacional. (Ensino e Educação)*”⁴⁵ Por educação personalizada, entende-se a compreensão do educando na sua individualidade, a fim de que ele seja olhado como único, sem comparação com os outros. Que sejam valorizadas as diferentes habilidades e potencialidades. Quanto a avaliação, o educando deve ser visto em relação a seu processo de amadurecimento e crescimento, evitando padronizações e exclusões.

“*Educação Libertadora: Adota-se como princípio, formar uma personalidade autônoma e interdependente. Os educadores orientam o ensino e o trabalho, mas aos que aprenderam a caminhar, a esses não tutelam. (Ensino e Educação)*”⁴⁶ É uma educação para a autonomia, que forma sujeitos comprometidos com a transformação. “*Desenvolvimento integral: O educando é incentivado a conservar e preservar a saúde, a desenvolver suas capacidades potenciais, a cultivar hábitos de cortesia, de respeito, de civilidade, de cidadania, de bons princípios morais e éticos baseados numa espiritualidade equilibrada. Mens sana in corpore sano. (Carta 239)*”⁴⁷ A educação integral compreende as várias dimensões do ser humano como um ser social, cognitivo, moral, espiritual. Todas elas devem ser contempladas na educação.

“*Testemunho do educador: O educador dá testemunho pelo seu ser e agir, sendo ponto de referência para os educandos, num mundo que carece de modelos autênticos. (Carta 714)*”⁴⁸ Educa-se muito mais pelo exemplo do que por palavras. O educador é alguém de grande referência para os educandos, seu papel é muito significativo na formação da personalidade do educando. “*Mansidão: O educador deve ser agraciado e abençoado com especial mansidão, humildade, amor e talentos, porque a educação exige dele sacrifícios.*

⁴⁴ IENS, 1999, p. 35.

⁴⁵ IENS, 1999, p. 36.

⁴⁶ IENS, 1999, p. 36.

⁴⁷ IENS, 1999, p. 37.

⁴⁸ IENS, 1999, p. 37.

(Carta 64)⁴⁹ Educar exige paciência, recomeçar a cada dia. Educação é processo, é preciso acreditar na possibilidade de mudança.

Os ideais de Madre Teresa continuam muito atuais para o nosso tempo e podem ser aplicados a nossa realidade de América Latina. Cada vez mais, sente-se a necessidade da escola caminhar em parceria com outros grupos educativos da comunidade, a começar pela família, órgãos públicos, entidades que trabalham em prol da educação.

Sente-se a necessidade de caminhar juntos, como rede, na América Latina. A busca comum traz unidade, pois ouvimos os mesmos clamores e somos desafiados a buscar alternativas para o nosso tempo.

O Projeto Educativo da Província de Porto Alegre aponta para uma ação conjunta:

As comunidades educacionais procuram desenvolver uma ação educacional conjunta, fundamentada nos princípios da unidade, comunhão fraterna e participação. Propõem uma educação evangélico-libertadora que possibilite ao educador e ao educando serem agentes e sujeitos da história, pelo reconhecimento de que são seres pensantes, capazes de julgar e propor alternativas, na busca de soluções para os problemas locais e da sociedade, visando construir um mundo mais justo e fraterno.⁵⁰

O educando é considerado numa visão integral de pessoa, como imagem e semelhança de Deus. Educador e educando são concebidos como sujeitos do processo, inseridos numa comunidade humana e responsáveis pela mesma.

⁴⁹ IENS, 1999, p. 37.

⁵⁰ IENS. Província de Porto Alegre. **Projeto Educativo**. Porto Alegre, 1991. p. 8 (apost.)

3 A PASTORAL ESCOLAR DA ESCOLA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

A Escola Imaculado Coração de Maria busca desenvolver sua ação educacional baseada nos princípios da educação cristã. É uma das unidades da Rede das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, está situada na cidade de Feliz-RS e atende os cursos de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A escola tem 186 alunos, funciona de manhã e de tarde, conta com 23 professores e 7 funcionários. Além do setor pedagógico possui o setor de psicologia e o setor de pastoral. No setor de pastoral trabalham, atualmente, quatro pessoas.

A missão da escola é promover a vida, através da vivência dos valores evangélicos, proporcionando a construção do conhecimento e crescendo na metodologia dinâmica, desafiadora e participativa para transformar a realidade. Os valores que a escola elegeu para vivenciar são: espiritualidade, solidariedade, humanização, comprometimento, inovação e competência.

O presente trabalho teve um olhar sobre algumas interfaces do trabalho de pastoral da Escola Imaculado Coração de Maria. A pesquisa foi realizada durante o ano de 2006, através de observações, registros e questionários. Participaram da pesquisa, a assessora do grupo de jovens, os participantes do grupo de jovens, alunos, pais, professores e funcionários da escola.

Apresentamos a seguir, uma breve conceituação de Pastoral Escolar e o método utilizado na Escola Imaculado Coração de Maria, dentro das possibilidades de trabalho que tivemos neste ano de 2006. Segue com as exigências da evangelização e o projeto de Jesus Cristo, como uma proposta de vida. Em seguida é apresentado o trabalho de pastoral realizado através das atividades deste setor.

3.1 Conceituação e método

A Pastoral é um serviço de evangelização que acontece num meio determinado. A Pastoral Escolar acontece na escola, o seu contexto são os educandos, professores, funcionários, pais, comunidade onde a escola está inserida.

A Pastoral Escolar é a presença da Igreja no mundo da educação escolar, para testemunhar e vivenciar o Evangelho de Jesus. É um modo de evangelização assumido por toda Comunidade Educativa com a promoção de valores humanos e cristãos, é um centro de educação cidadã e formação humana.

A palavra pastoral vem da palavra pastor, onde Jesus se identifica com o Bom Pastor em Jo 10, 1-18. Jesus dá algumas características deste pastor: ele conhece as ovelhas pelo nome, sabe das boas pastagens, não é mercenário, mas ao contrário, dá a vida por suas ovelhas. Pastoral é a ação de pastorear, conduzir, animar, ouvir, agregar, apontar e clarear caminhos.

A Pastoral Escolar é a ação da Igreja na escola, procurando testemunhar e vivenciar os valores evangélicos, dentro da comunidade escolar como um todo. Para ter a atitude de pastor, as pessoas que trabalham neste setor, precisam estar atentas para perceber as necessidades da comunidade e trabalhar em sintonia com os setores administrativo e pedagógico da escola.

A pastoral é desenvolvida através de um processo pedagógico que precisa estar coerente com a proposta da evangelização.

A prática pastoral será libertadora, à medida que for baseada numa pedagogia libertadora. Isto é, numa pedagogia de participação e comunhão que respeita a liberdade do ser humano considerado como sujeito, utilizando processos não centrados basicamente na pessoa do agente de pastoral; supera atitudes assistencialistas e paternalistas e leve em conta a realidade social e histórica.⁵¹

Evangelizar é um processo de conhecimento, testemunho e transformação de nosso ser e agir, seja ele pessoal ou comunitário, à luz dos valores evangélicos de Jesus Cristo, em busca da contínua realização do Projeto de Deus.

É através da ação evangelizadora na escola, que se promove a vida e a esperança, orientando a pessoa a uma adesão e compromisso com Jesus Cristo e seu Reino. Este processo é contínuo, pois a pessoa está sempre em mudança “ ...nos encontramos num processo de

⁵¹ Estudos da CNBB - 41. **Para uma pastoral da educação.** São Paulo, 1986, p. 33.

desenvolvimento do ser-ao-vir-a-ser que dura a vida inteira.”⁵²

A Pastoral será estruturada em cada escola de acordo com as necessidades e realidades desta, deve levar em conta o grupo com o qual interage, a fim de favorecer o diálogo e a participação .

De acordo com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil o objetivo das pastorais é:

Evangelizar proclamando a Boa-Nova de Jesus Cristo, caminho para a santidade, por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão, à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, formando o povo de Deus e participando da construção de uma sociedade justa e solidária, a caminho do Reino definitivo.⁵³

A evangelização é a grande tarefa da Igreja e o anúncio da Boa-Nova é a apresentação da pessoa de Jesus como uma proposta de caminho.

A metodologia do trabalho de Pastoral utilizada na Escola Imaculado Coração de Maria é a histórico-evangelizadora, que tem por pressuposto a prática pastoral do agente como ponto de partida para a reflexão pastoral. “A metodologia pastoral histórico-evangelizadora se fundamenta na ciência pedagógica e na teologia da participação e do diálogo, onde agentes de pastoral e comunidade são sujeitos da ação pastoral.”⁵⁴

Numa visão dinâmica, a evangelização não é um momento ou um lugar onde se quer chegar, mas o próprio caminho que se faz, isto é, uma construção, onde o próprio agente é convidado a transformar-se e não apenas a comunidade com a qual interage. “A metodologia Histórico-Evangelizadora tem como objeto de investigação as relações que se estabelecem entre agente de pastoral e comunidade e estes com o contexto social onde se encontram inseridos.”⁵⁵

A participação é um fundamento pedagógico da prática pastoral. “O termo participação etimologicamente se origina de “participatio”, do latim. Participatio (pars+in+actio) corresponde a “ter parte”, “fazer parte” ou “tomar parte” numa ação.”⁵⁶

Os passos desta metodologia compreendem a observação e o registro. De posse destes

⁵² IENS. 1987, p. 32.

⁵³ Documentos da CNBB -71. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil - 2003-2006**. São Paulo, 2004, p. 5.

⁵⁴ BENINCÁ, Elli. **Metodologia Pastoral**, (caderno de formação nº2). Diocese de Passo Fundo, Passo Fundo, 1994, p.18.

⁵⁵ BENINCÁ, Elli. 1994, p. 16.

⁵⁶ BENINCÁ, Elli. 1994, p. 35.

registros, faz-se a sessão de estudos. A observação é o primeiro passo. Ela deve levar em conta as pessoas que compõem o processo pastoral no seu contexto histórico, as relações que se estabelecem entre o grupo e este com o educador, as manifestações, as falas e as práticas.

O registro é um ato posterior a ação, onde o educador escreve o que percebeu na ação pastoral. “O registro é a documentação de um olhar “para dentro”. É a observação da ação pedagógica, não enquanto objeto externo da consciência, mas enquanto consciência da construção da relação educador-educando”⁵⁷ O registro permite o distanciamento da ação educativa. Com esta prática o educador vai percebendo os conflitos existentes e assim pode ir modificando, transformando seu agir.

Outro momento do método é a sessão de estudos. Este é um momento onde os educadores se reúnem para a sistematização das observações e a partir de critérios estabelecidos, analisam a realidade observada e reencaminham a ação pastoral. Os critérios devem estar em sintonia com a teologia e metodologia adotada. Este processo vai gerando uma nova compreensão e novo sentido para a prática.

Cabe ao professor-observador dar-se conta de sua transformação. Intuir a mudança em seu comportamento é consequência da observação sobre suas práticas pedagógicas. Se estas mudaram é porque houve transformação dos sentidos que intencionaram a prática. Para que os sentidos intencionem de forma diferente é preciso que tenham sido ressignificados, tarefa do registro e da sistematização, na sessão de estudos.⁵⁸

A sessão de estudos é um momento avaliativo de retomada dos objetivos, de verificar se estes ainda correspondem ao que se deseja. A partir do que foi levantado, é possível reorganizar a ação em vista da superação dos problemas indicados.

As atividades desenvolvidas pelo setor de pastoral envolvem toda comunidade escolar através dos Encontros de Formação para todos os alunos da escola, Celebrações de Fé e Vida para alunos, professores, funcionários e comunidade em geral, Grupo de Jovens de 5ª à 8ª série, Projeto Social desenvolvido pelo grupo de jovens e Retiros para os alunos de 5ª à 8ª série, professores e funcionários.

⁵⁷ BENINCÁ, Elli. **Práxis Pastoral**, Caminhando com o Itepa – ano XVIII - nº63 - nov.2001. Diocese de Passo Fundo, Passo Fundo, p. 20.

⁵⁸ BENINCÁ, Elli. 2001, p. 30.

3.1.1 Exigências da evangelização

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2003-2006 apresentam quatro exigências intrínsecas da evangelização: o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão. A evangelização está ligada ao aspecto missionário da Igreja.

Estas quatro exigências têm um caráter pedagógico na evangelização.

- 1) Serviço: a atitude de serviço está muito presente na pessoa de Jesus. No lava-pés, Jo 13,1-17 Jesus deixa aos apóstolos a grande lição do serviço e pede que estes façam o mesmo. Servir é sair de si mesmo para ir ao encontro do outro. É importante cultivar atitudes como acolhida e escuta. Ser apoio e presença faz parte do serviço de evangelização. Em todos os encontros de Jesus com as pessoas, ele se apresentava receptivo e aberto para acolher quem dele se aproximasse.
- 2) Diálogo: o diálogo é condição para haver comunicação. O evangelizador, ao entrar em contato com o grupo, não pode vir com idéias prontas e apresentá-las de forma autoritária e dogmática. O Evangelho é uma Boa-Notícia e não imposição. Ter atitude de diálogo é entrar em contato com a cultura de forma respeitosa e reverente, e neste meio trazer a mensagem de Jesus como uma proposta, um caminho de vida a ser trilhado na liberdade.

Urge um diálogo integral, orientado ao conhecimento, à escuta, à compreensão dos valores de cada um, que supere apressadas avaliações e respeite a fé que o outro vive. Diálogo que suscite relacionamentos de amizade e objetive a fraternidade universal, tendo como modelo o amor desinteressado e radical que Jesus ensinou e viveu.⁵⁹

Diálogo implica respeito ao diferente, acolhida de realidades, crenças, concepções. Diálogo implica abertura ao ecumenismo, ao inter-religioso, ao inter-cultural. É importante dialogar com grupos que lutam pela promoção humana.

- 3) Anúncio: a evangelização implica no anúncio da pessoa de Jesus Cristo e de sua proposta. São muitos os campos onde o Evangelho pode ser anunciado: família, escola, trabalho, comunidade. “Toda pessoa humana carrega um desejo e uma capacidade de encontro com a Palavra de Deus, que o próprio Espírito Santo suscita. Por isso o anúncio procura partir da experiência de vida das pessoas, dialogar com ela.”⁶⁰

⁵⁹ Documentos da CNBB -71. 2004, p. 57.

⁶⁰ Documentos da CNBB -71. 2004, p. 61.

Anúncio é atitude missionária, pelo qual o cristão é impelido assim como Paulo: “Ai de mim se eu não evangelizar.” (1Cor. 9,16) Não apenas esperar que as pessoas venham ao encontro, mas também ir ao encontro dos outros.

- 4) Testemunho de comunhão: cada pessoa é chamada a contribuir com os seus dons, suas potencialidades. A evangelização supõe a comunhão e a participação. Testemunho é atitude de vida, muito mais do que palavras. “O testemunho pode assumir diversos aspectos. Um ato de solidariedade ou de serviço, uma atitude de diálogo, uma declaração franca da própria fé, o exemplo de uma vida fraterna e inspirada pelo amor.”⁶¹

3.1.2 Projeto de Jesus

Jesus anunciava e revelava a chegada do Reino de Deus. Ele é batizado por João, o qual pregava no deserto. No seu batismo, Jesus começou sua vida pública. Na época todos esperavam o Reino. Cada grupo imaginava o Reino a sua forma. Os fariseus acreditavam que, com a observância da Lei em perfeição, chegaria o Reino de Deus. Os essênios, que o Reino viria quando o país fosse purificado.

O clima era de expectativa e de que este messias seria glorioso e resolveria todos os problemas que eles estavam enfrentando. Jesus passava a anunciar que o Reino de Deus já estava no meio das pessoas, e falava da mudança de vida. “Mudem de vida e acreditem nesta Boa Notícia”. Mc1,15.

A prática de Jesus causava escândalo para muitos, pois acima de tudo, Jesus acolhia a pessoa e tinha compaixão dos que eram excluídos, marginalizados, impedidos de viver em sociedade, seja por causa das observâncias religiosas, seja por doenças ou preconceitos culturais de raça ou de gênero.

Jesus ensinava contando histórias, usava a linguagem simples das parábolas:

A palavra “parábola” vem da língua grega e significa “comparação”. Na verdade uma parábola é mais que uma comparação. Parábola é uma historieta, um conto, um “causo”, descrevendo determinado acontecimento ou uma atividade do conhecimento do ouvinte... A palavra “parábola” traduz para o grego a palavra hebraica “mashal” (cf. Mt13,35). O mashal era a sentença sapiencial, o provérbio, o alicerce da sabedoria em Israel [...] Quando Jesus fala em parábolas, ele utiliza um

⁶¹ Documentos da CNBB -71, 2004, p. 18.

recurso muito comum entre os sábios em Israel. Muitos outros rabinos também contavam parábolas.⁶²

As parábolas fazem parte da pedagogia de Jesus, são a forma como ele dialogava com os discípulos, com a multidão e com quem discordava de sua proposta. Jesus ensinava a partir de situações concretas e com as parábolas ele provocava a reflexão, respondia as perguntas das pessoas que o questionavam e também manifestava sua posição perante os escribas e fariseus que gostavam de pô-lo a prova.

Quando Jesus contava uma parábola, ele fazia uma provocação, que levava a quem estava ouvindo a tomar uma posição. O que conta na parábola é seu conjunto, não é necessário buscar sentido em todos os detalhes.

Jesus contava parábolas que falavam do Reino e de sua simplicidade: o semeador (Mc 4,3-8), a semente que brota sozinha (Mc 4,26-29), o trigo e o joio (Mt 13,24-30), o grão de mostardas (Lc 13,18-22) entre outras. Outras parábolas falavam da prática dos discípulos: o bom samaritano (Lc 10,30-37), o administrador astuto (Lc 16,1-8), a oração do fariseu e a do publicano (Lc 18, 9-14), não servir a dois senhores (Mt 6,24), ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16) entre outras. Há ainda as parábolas que falavam da prática de Jesus ou da ação de Deus: o pastor que sai em busca das ovelhas (Lc 15,8-10), a mulher que procura a moeda (Lc 15,8-10), o pai que perdoa e acolhe (Lc 15,11-32), o amigo que escuta os pedidos insistentes (Lc 11,5-7), o patrão que paga o que lhe agrada (Mt 20,18-31) entre outras.

Com as parábolas Jesus falava sobre o Reino de Deus. O que acontecia é que, o que Jesus dizia era completamente diferente das expectativa das pessoas da época e suas comunidades. Elas esperavam um messias triunfalista, glorioso e Jesus apareceu falando de um Reino dos simples, de partilha, de abertura de coração para todos. Um Reino onde todos têm lugar. Ninguém é discriminado, onde a lei está a serviço da vida e não o contrário. Muitos não conseguiram conviver com esta verdade e não acolheram a proposta de Jesus.

O projeto de Jesus era revelar o Pai, era anunciar o Reino de Deus. No Sermão da Montanha em Mt 5,3-12, Jesus falava aos discípulos sobre os destinatários do Reino:

⁶² CRB (Conferência dos Religioso do Brasil). **Seguir Jesus: os Evangelhos**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1994, p. 96.

Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os aflitos, porque serão consolados. Felizes os mansos, porque possuirão a terra. Felizes os que tem fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os que são misericordiosos, porque encontrarão misericórdia. Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. Felizes vocês se forem insultados e perseguidos, e se disserem todo tipo de calúnia contra vocês, por causa de mim. Fiquem alegres e contentes, porque será grande para vocês a recompensa no céu.⁶³

A felicidade está na possibilidade de recomeçar a vida a partir de novas relações. O Reino de Deus é dos pobres, os mansos, os que choram, os que tem fome e sede de justiça, os misericordiosos, os de coração puro, os pacíficos, os perseguidos por causa do Reino de Deus. Os seguidores de Jesus devem ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-16). Escolhendo o Reino de Deus escolhem todas as suas conseqüências: a prática da justiça, da solidariedade e da fraternidade.

3.2 Histórias de um trabalho de Pastoral

A Pastoral Escolar na Escola Imaculado Coração de Maria tem por objetivo ser uma presença da Igreja no ambiente escolar, testemunhando e vivenciando os valores evangélicos. Colabora na construção de uma sociedade justa e solidária, promovendo a formação integral da comunidade escolar.

O Setor de Pastoral desenvolve atividades com os educandos, educadores, pais e comunidade. Organiza Encontros de Formação, Celebrações de Fé e Vida, Grupo de Jovens, Projeto Social, Retiros para os estudantes e educadores.

Neste trabalho, iniciado em 2005, foram utilizados as observações, registros, entrevistas, segundo a orientação da metodologia da pesquisa-ação.

Na pesquisa-ação, uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação.[...]As pesquisas em educação, comunicação e organização acompanham as ações de educar, comunicar e organizar. Os “atores” sempre têm de gerar, utilizar informações e também orientar a ação, tomar decisões etc. Isto faz parte tanto da atividade planejada quanto da atividade cotidiana e não pode deixar de ser diretamente observado na pesquisa-ação. As ações investigadas envolvem

⁶³ BÍBLIA SAGRADA, **Edição Pastoral** . 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 1242 e 1243.

produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões, e outros aspectos supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes.⁶⁴

Na construção deste trabalho, também serviu como referencial teórico a metodologia da pastoral, histórico-evangelizadora que leva em conta os agentes de pastoral, os grupos envolvidos e a contexto no qual estão inseridos. Elli Benincá fala da construção deste método no Instituto de Teologia e Pastoral - ITEPA:

A construção do objeto de investigação pastoral mereceu muita reflexão e preocupação. Ficou definido que o objeto de observação e investigação pastoral não é o ambiente externo à consciência humana, nem o outro enquanto o diferente, mas a relação entre o agente de pastoral com a comunidade, em determinado contexto social e religioso. A observação da pastoral requer do agente uma atitude inquiridora, sempre desejosa de investigar e de descobrir, na rotina pastoral, novos conhecimentos pastorais e teológicos.⁶⁵

Participaram da pesquisa os grupos de pastorais existentes na escola: grupo de jovens, as turmas que vivenciaram os encontros de formação, as celebrações, os retiros, os professores e funcionários e os pais de alunos. Alguns responderam questionários. A seguir apresentamos as questões que foram feitas.

Questões para os pais:

1. Que imagens vem a sua mente, quando você visualiza a Escola Imaculado Coração de Maria?
2. Qual a importância da escola para a comunidade de Feliz e para a Região?
3. Que características você considerou quando optou pela escola, para matricular seu filho?
4. Que características deveriam ter a escola para atender as necessidades futuras de nossos educandos?
5. Você considera importante o trabalho social desenvolvido pela escola?

⁶⁴ THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 71 e72.

⁶⁵ BENINCÁ, Elli. *Pedagogia Pastoral: Metodologia Histórico-Evangelizadora*. In: FAVRETO, Clair et al (Org.). **ITEPA: história e perspectivas**. Passo Fundo: Palloti, 2005, p. 116.

6. Qual a importância do grupo de jovens na escola?
7. Como você vê as celebrações realizadas pela escola?
8. O seu filho(a) valoriza os momentos de celebração?
9. O Retiro oferecido aos alunos vem ao encontro das necessidades deles?
10. As atividades realizadas na Pastoral desenvolvem os valores que a escola prioriza: espiritualidade, solidariedade, humanização, comprometimento, competência e inovação?

Questões para os professores e funcionários:

1. Você gostou de participar do Retiro? Por quê?
2. O que aconteceu de mais significativo?
3. Em que o Retiro ajuda na sua vida pessoal e como grupo na escola?
4. Como você avalia o envolvimento do grupo?
5. Como você avalia a preparação e o desenvolvimento do Retiro?

Questões para os alunos:

1. Você gosta de participar dos Encontros de Formação? Por quê?
2. O que foi legal no último encontro?
3. De que você não gostou?
4. Estes encontros acrescentam alguma coisa na sua vida e para a sua turma?
5. Qual o objetivo da escola com estes encontros de formação? Eles formam para quê?
6. Você gostou de participar do Retiro? Por quê?
7. O que aconteceu de mais significativo?
8. Em que o Retiro ajuda em sua vida?
9. Como a sua família se envolveu nesta atividade com você?
10. O Retiro afetou as relações na sua turma e na escola? Em quê?

Questões para os participantes do grupo de jovens:

1. O que significa para você participar de um grupo de jovens?

2. Como é seu grupo?
3. Que atividades seu grupo faz?
4. Que importância tem este grupo na escola?
5. Você conhece ou participa de outros grupos?
6. Como você vê a juventude hoje, quanto a perspectiva de futuro?

Apresentamos a seguir algumas histórias vividas no Setor de Pastoral da escola, com o olhar dos envolvidos e dos assessores que acompanham os grupos. Uma proposta de trabalho desenvolvida com os pressupostos de uma Educação Transformadora.

3.2.1 Encontros de Formação

Os encontros de formação acontecem com todas as turmas da escola. São momentos fortes de animação, integração, reflexão e oração. Num período de 45 minutos para a Educação Infantil, a duas horas para o Ensino Fundamental.

Os encontros possuem um tema de acordo com o eixo de trabalho desenvolvido no semestre. Neste ano, o primeiro semestre, teve como eixo: Aprender a aprender com as diferenças, respeitando a diversidade. Também foi trabalhado sobre liderança no início do ano. No segundo semestre o eixo teve como tema: Aprender a aprender, preservando a natureza. A 8ª série: Aprender a ser empreendedor. A escola trabalhou ainda a temática da Paz, envolvendo o mês de setembro.

Estes encontros ajudam os educandos na sua integração como turma, favorecem momentos de partilha, de auto-conhecimento, de reflexão e oração. Neste momentos os conflitos das turmas são explicitados, pois toda a dinâmica conduz para que o grupo se expresse. O interessante é que se estabelece um espaço oportuno para a reflexão das questões que envolvem a turma, pois vai crescendo a confiança e os assessores ajudam o grupo a dialogar sobre seus questionamentos.

Em pesquisa aplicada aos pais, eles expressaram que vêm nestes momentos e demais atividades desenvolvidas pela Pastoral, uma oportunidade de trabalhar o aluno de uma forma integral. Eles vêm a escola como um espaço de desenvolvimento da religiosidade, onde os valores familiares são preservados.

Os pais identificam a escola como ambiente que trabalha as dimensões da espiritualidade, da solidariedade e da humanização. Para os pais, a escola forma pessoas

íntegras, pensantes e cidadãs. Eles vêem a formação cristã como um diferencial da escola e desejam que seus filhos sejam educados dentro destes princípios.

Ao serem perguntadas sobre os encontros de formação, se eles acrescentavam alguma coisa na sua vida ou na vida da turma, algumas alunas do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries), se expressaram da seguinte forma:

O encontro sobre a paz ajudou as pessoas a refletir. Eu não gosto de agredir ninguém, eu não gosto de brigar, mas tem gente que é assim: se é agredido, também agride. O encontro da paz ajudou algumas pessoas, outras não. (aluna A)

Eles me ajudam a pensar melhor antes de fazer as coisas. Me ajudam a ser mais inteligente, não partir pra briga direto. Me ajudam a ser amiga de todos. Antes eu não era amiga da ... hoje eu sou amiga, faço trabalho com ela. (aluna B)

As alunas afirmam que os encontros de formação auxiliam na reflexão, tornam as pessoas “mais inteligentes”, pois elas refletem antes de agir, embora nem todos acolham a proposta da mesma forma. Uma das alunas se dá conta da mudança ocorrida com ela mesma, em relação a uma colega do grupo.

Nos encontros de formação é preciso estar muito atenta ao movimento do grupo, pois nem sempre o que é planejado acontece da forma prevista. Quando uma temática provoca o grupo para uma reflexão, é importante permanecer neste tema e dar tempo para que o grupo elabore a questão, através da discussão.

Um aspecto importante é a vivência que se faz dos temas trabalhados. O que os alunos vivenciam têm maior efeito do que aquilo que apenas conversam. Sobre o que mais gostou num encontro de formação, um aluno (5ª série) se expressou: “Aquilo que nós fizemos dos cegos. Parecia que a gente estava guiando uma pessoa cega. Ajudando.” Sobre o mesmo assunto outro aluno (6ª série) disse: “Que pudemos sentir como os cegos sentem. Que a vida dos cegos é bem mais difícil que a nossa.”

Colocar-se no lugar do outro, sensibilizar-se com o outro, ajuda-nos a sermos mais humanos para nos darmos conta de nossos dons e possibilidades. Muitas vezes o adolescente fica centrado nas suas dificuldades e não percebe que outros também partilham de situações semelhantes. Na foto a seguir podemos observar o envolvimento dos alunos num encontro de formação realizado no pátio da escola.



Foto 1: Encontro de Formação - Escola Imaculado Coração de Maria -12/09/06

Os alunos têm consciência do objetivo destes encontros de formação. Num encontro em que foram trabalhados as fases da vida humana e como se expressa nossa afetividade e sexualidade, apareceram muitas perguntas. Quando questionados sobre o sentido destes encontros eles expressaram:

Acho que a escola quer fazer isto para ajudar as pessoas a como agir, não só na escola, mas para a vida toda. Para que as pessoas que tem dúvida em alguma coisa possam se abrir e perguntar. (aluna B)

Educar melhor os alunos para eles saberem mais coisas, para eles não aprenderem na rua, mas aprenderem mais coisas boas na escola. (aluno A)

Desta forma, os alunos vão fazendo o exercício de se posicionarem criticamente diante das situações apresentadas, colocando suas opiniões, trocando idéias até mesmo de assuntos que podem ser discutidos na “rua”. A escola é vista como um lugar de aprender “coisas boas”, isto é, podemos discutir estes assuntos na escola e ela nos dará boas informações.

3.2.2 Celebrações de Fé e Vida

O setor de Pastoral organiza momentos celebrativos na escola com os estudantes, com os professores e funcionários, com os pais e a comunidade. Celebra-se a Páscoa, o dia da Fundadora das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, o dia da escola, dia das mães, dia dos pais, os aniversariantes, Dia Internacional da Paz, Natal, entre outras.

A cada mês a escola dinamiza a liturgia da missa dominical, envolvendo a comunidade. Algumas celebrações são feitas por turmas, outras por turnos. Há celebrações envolvendo somente o grupo de professores e funcionários.



Foto 2: Celebração de Páscoa com alunos - Escola Imaculado Coração de Maria - 10/04/06

A celebração da Páscoa foi um momento forte da escola, como vemos na foto acima, pois foi previamente preparada pela equipe de pastoral e pelos professores em sala de aula. Toda escola foi convidada a participar de um gesto solidário, junto a uma creche da cidade vizinha, São Sebastião do Caí. Foram feitos cestos para doar as crianças e foi doado um uniforme para cada criança desta creche, visto que as crianças não tinham condições de adquiri-lo. As crianças da creche visitaram nossa escola e brincaram com as crianças da Educação Infantil.

Junto aos estudantes, foi vivenciado a última ceia com o lava-pés e a distribuição da pão, e no caso, do suco, lembrando o gesto de Jesus na quinta-feira santa. Foi recordado o gesto de Jesus e refletido sobre o sentido deste gesto para hoje, como poderia ser colocado em prática esta atitude de Jesus. Como poderíamos ter uma atitude de serviço na escola, na família, na comunidade. Os estudantes vivenciaram com muita atenção e envolvimento.

Os professores e funcionários tiveram seu momento de celebração à noite. Em clima de oração e de partilha foi refletido sobre a Páscoa de Jesus e a Páscoa hoje, sobre os sinais de vida e de morte no mundo. A celebração foi preparada com antecedência, pelo gesto solidário,

pela oração junto aos estudantes, o que foi dando sentido ao que acontecia. Houve confraternização dos professores e funcionários depois da celebração.

Neste contexto percebemos que a fé e a vida se interligam, pois a celebração é o momento de culminância de um processo, onde se reza com mais sentido, pois o que é rezado, passou pela experiência e é iluminado à luz da fé.

Quanto aos alunos, o que se percebe é que a maioria leva a sério as celebrações religiosas e valoriza estes momentos na escola. Perguntadas sobre os momentos de celebração, se seu filho ou filha, valorizavam estes momentos, duas mães de adolescentes responderam:

Muito. Eles adoram, tanto a menina quanto o menino. Esta celebração da Paz, ele veio sem eu pedir, veio por conta própria. Eu vejo, pelo que eles contam, que eles adoram. Eles aprendem a refletir sobre estes assuntos, os temas das celebrações, eles trazem isto para a vida pessoal. (mãe A)

Acho que ele valoriza, mas ele não é de comentar. Ele respeita. Agora que ele é grande, não me conta mais. (mãe B)

A menina da mãe A, está na 2ª série. A celebração ocorreu à tarde, no horário de aula da filha. O menino tem aula pela manhã e compareceu à celebração por iniciativa própria. Quando a família cultiva estes valores em casa, na escola os alunos também aderem a proposta. Quando eles são menores contam para os pais as atividades desenvolvidas na escola, quando são adolescentes, em geral, não comentam muito, mas deixam transparecer se estão de acordo ou não com as atividades.



Foto 3: Dia Internacional da Paz - Escola Imaculado Coração de Maria - 21/09/06

Um dos momentos mais fortes do ano foi Dia Internacional da Paz onde todos os alunos da escola foram envolvidos. As turmas dos pequenos foram as ruas entregar mensagens de paz, fizeram o pedágio pela paz no trânsito e a tarde participaram de uma celebração pela Paz com a presença das escolas mais próximas. A 8ª série ficou responsável para colocar o marco da Paz na frente da escola, como pode ser visto na foto 3 e 4, onde foi escrito: Seja um pacificador. As turmas de 5ª à 7ª séries distribuíram mensagens de paz nas escolas públicas.



Foto 4: Dia Internacional da Paz - Escola Imaculado Coração de Maria - 21/09/06

3.2.3 Grupo de Jovens

Em 2004 foi reativado o grupo de jovens da escola. Daquele grupo muitos alunos eram da 8ª série e deixaram a escola no final do ano. Em 2005 foi nucleado um outro grupo que continuou a se encontrar em 2006. O grupo escolheu para si o nome LUTE, que significa: Levando União, Trazendo Esperança.

Este grupo possui dez componentes, três meninas e sete meninos, estudantes de 6ª à 8ª séries. O objetivo do grupo é se encontrar, conversar sobre assuntos de interesse do mesmo, temas de atualidade, realizar visitas a pessoas menos favorecidas. Os jovens acreditam que participar deste grupo, ajuda-os a ir bem nos estudos e é uma oportunidade que tem para realizar algum gesto solidário, que consideram importante.

Alguns colocam que os pais os apoiam, gostam de que eles participam de um grupo de

jovens. Outros dizem, que se sentem bem, mais humanos, mais éticos. Eles entendem que o grupo de jovens é espaço para aprenderem a ser mais honestos, a dar e receber opiniões, perceber e respeitar as diferenças, aprender a escutar e a conviver.

A mãe de um dos membros do grupo afirmou: “Eu recomendo o grupo de jovens para quem eu encontro, porque eu acho que é um momento de troca na mesma faixa etária, eles podem colocar a sua opinião.” Para outra mãe: “O grupo de jovens tem mais esta vivência solidária, onde eles podem se soltar mais, sentem mais confiança, têm mais liberdade para falar, o que não fariam na sala de aula.”

Estas mães percebem bem o sentido de um grupo de jovens. Há uma grande diferença nos alunos que participam do grupo, dos demais, em sala de aula. Eles se tornam mais espontâneos para dizerem o que pensam e expressam com maior facilidade suas opiniões.

Segundo Zimerman existem alguns requisitos que caracterizam um grupo, entre eles:

Todos os integrantes de um grupo estão reunidos em torno de uma tarefa e de um objetivo comum [...] Apesar de um grupo se configurar como uma nova identidade, como uma identidade grupal genuína, é também indispensável que fiquem claramente preservadas as identidades específicas de cada um dos indivíduos componentes. É inerente à conceituação de grupo a existência entre os seus membros de uma interação afetiva, a qual costuma ser de natureza múltipla e variada.⁶⁶

O grupo LUTE tem uma ligação forte de seus componentes. Eles são amigos, se ajudam e gostam de ser identificados como membros do grupo de jovens da escola.

A proposta do grupo de jovens é trabalhar o protagonismo juvenil. O marco referencial da Pastoral da Juventude Estudantil traz o lugar que o jovem deve ocupar: “Somos e queremos ser os protagonistas da nossa história. Somos e queremos ser os responsáveis por nossa vida e nossa sociedade.”⁶⁷

O que se observa é a falta de iniciativa dos jovens. Eles comparecem aos encontros, mas ficam esperando pela assessora para o desenvolvimento dos temas. Há certa passividade, pois ficam esperando pelas propostas, dificilmente eles apresentam uma. Este grupo tinha muita dificuldade de expressar seus sentimentos, muitas vezes levavam as atividades na brincadeira para não aprofundar os temas propostos. Com o tempo foram adquirindo

⁶⁶ ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 83 e 84.

⁶⁷ Pastoral da Juventude Estudantil. **Quem somos? A que viemos?** - Marco Referencial. Porto Alegre: Evangraf, 1994, p. 10.

confiança e agora já falam com mais liberdade de si mesmos.

O grupo adere com facilidade às propostas de engajamento social quando são sugeridas pela assessora e são comprometidos com as atividades nesta área. São sensíveis às necessidades dos outros e refletem com profundidade sobre o que observam nas visitas.

Quando foram perguntados sobre o que significa para eles participarem de um grupo de jovens, e como era seu grupo, eles afirmaram:

É um grupo que dá para conversar com as pessoas da mesma idade, que pensam as mesmas coisas e sobre assuntos atuais. Todos somos amigos, bagunçamos, mas também levamos a sério. Às vezes as gurias vem, às vezes não vem. Somos todos praticamente da mesma série, com alguns de outras séries. (menino)

Estar junto com outras pessoas que eu gosto e confio, expondo problemas e dando soluções também. Ajudando os outros, significa também divertimento e comprometimento. Nosso grupo é unido, extrovertido, legal. (menina)

O grupo, para eles é um espaço para poderem falar, conviver, trocar idéias. É também um espaço de confiança, onde eles podem se ajudar. A maioria dos componentes do grupo são meninos. Estes são mais assíduos aos encontros.

No grupo de jovens, eles vão se percebendo como sujeitos com sonhos, com potencialidades, com limitações. Gostam muito de falar sobre o que acontece na escola e na família. A maioria do grupo está na 8ª série e participam também de outros grupos como o teatro, futebol, basquete, oficina de pintura, CTG.

3.2.4 Projeto Social

O Projeto Social na escola é desenvolvido através do grupo de jovens, o qual fez uma caminhada de reflexão sobre o seu papel como estudantes, como poderiam ajudar na transformação da sociedade, no seu espaço. A empresa Piá, através dos “Amigos do Coração”, procurou a escola no ano de 2005 a fim de fazer uma parceria no trabalho solidário. Neste ano foram realizadas várias visitas a asilo, orfanato e um trabalho social de uma escola. O grupo, juntamente com os “Amigos do Coração” visitaram outro projeto social desenvolvido em Porto Alegre, no Colégio Santa Inês. Este Colégio vem desenvolvendo um trabalho com os estudantes, voluntários adultos, Pastoral da Criança, Missionários Leigos de Madre Teresa junto ao Morro Santana. Iniciaram com as famílias, foram fazendo um trabalho com as crianças e hoje já estão em processo de construção de uma sede, para abrigar os

trabalhos realizados no local.

Os jovens do grupo foram desafiados a pensar na realidade de Feliz. O que poderia ser feito em nosso município? O questionamento foi lançado. A realidade do pequeno município é bem diferente de uma capital, mas o grupo foi se dando conta, de que também na sua cidade, existiam situações de vulnerabilidade social. Os “Amigos do Coração” continuaram a sua parceria conosco neste ano de 2006.

Foi escolhida a rua dos papelheiros para realizar o trabalho. Foram feitas várias visitas à casa de uma família, sendo que uma das filhas desta senhora, é aluna da escola. Os próprios alunos desconheciam a situação da colega. Encontramos um ambiente de muita pobreza, mas ao mesmo tempo muita luta pela vida. Os encontros foram aproximando o grupo da realidade visitada. Combinamos uma atividade com as crianças da rua, num sábado. Posteriormente recebemos a visita de uma conselheira tutelar, alertando-nos sobre a realidade do tráfico de drogas e dos possíveis riscos de levar os jovens até lá. Sentimos a insegurança da comunidade quanto ao começo de um trabalho novo. Para contornar a situação achamos melhor chamar as crianças e jovens até a escola, para oferecer a possibilidade do acesso à informática.

O Projeto passou a se chamar Projeto de Inclusão Digital, onde os próprios jovens partilham seus conhecimentos de informática com a comunidade carente.

Este trabalho mexeu com toda comunidade escolar. Os olhares, o medo, estavam estampados no rosto de alguns funcionários da escola. Foi uma realidade nova, trazer as crianças e jovens da rua dos papelheiros a fim de aprenderem informática.

Como já afirmamos os jovens são muito sensíveis a estas realidades. Eles puderam se dar conta, de que na própria escola na qual estudam, há uma desigualdade social gritante.

O grupo de jovens assessora o trabalho junto aos computadores e tem a supervisão da professora de informática e das assessoras do grupo. O encontro acontece mensalmente.



Foto 5: Grupo LUTE - Projeto
Inclusão Digital - Escola
Imaculado Coração de Maria -
14/08/06

A mãe de um dos jovens do grupo, que acompanhou algumas visitas, expressou sua opinião sobre o trabalho social desenvolvido pelo grupo:

Acho muito importante para os alunos vivenciarem uma outra realidade. Nós vimos que nos passeios que fizemos, nos primeiros, eles ficaram chocados. Eles se tornam mais humanos, se preocupam mais com o ser, não só o material, aprendem a ser mais solidários, conviver com as diferenças sociais, que um pode ajudar e aprender com o outro. (mãe de um jovem do grupo)

O contato com a realidade leva a reflexão e a uma nova postura diante da vida e do outro. A situação de abandono vivida pelas crianças do orfanato e os idosos do asilo, foram muito marcantes para os jovens. Num primeiro momento houve o silenciamento, depois a fala e a valorização do que se tem: a família, amigos, saúde.

3.2.5 Retiros

Os Retiros são experiências de oração e meditação que possibilitam o encontro com o Sagrado. Na escola oportunizamos retiro de dois dias para os alunos de 7ª e 8ª séries e um dia de retiro para alunos de 5ª e 6ª séries. Os professores e funcionários também participam de um retiro anual de um dia. Este ano foi solicitado retiro para pais. Há uma grande busca por espiritualidade, tanto nos jovens como nos adultos, que valorizam muito estas atividades desenvolvidas pela escola.

Os retiros são tempos fecundos para o encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus. São momentos de integração, de partilha, de retomada de vida, à luz dos valores evangélicos. O Retiro de 7ª e 8ª séries teve como tema: *Projeto de vida: minha história, nossos desafios*. Houve uma intensa preparação com os pais, com reuniões, pedido de oração, confecção de mensagens surpresa, que foram entregues no final do Retiro. Com os alunos foi feito a preparação através de reflexão sobre o sentido de um retiro. Foi acordado o que poderiam levar, bem como atitudes de acolhida e de fraternidade, que queríamos cultivar, para um bom convívio naqueles dias.

No dia do Retiro foram feitas as combinações iniciais e dividido as tarefas. Todos ajudaram na louça e na organização do ambiente. Alguns jovens não são acostumados a ajudar em casa, e isto foi um aprendizado. Houve momento para a brincadeira, o lazer e para a reflexão. Também foi preciso falar sério em alguns momentos, mas o que marcou a equipe

que conduzia o Retiro foi o agradecimento do grupo de alunos. Vieram juntos, pulando, brincando e entregaram à equipe, que acompanhava um cartão grande, fabricado por eles, onde agradeciam o tempo que havíamos dedicado a eles, cuidando e nos envolvendo com eles.

Os jovens se sensibilizaram com quem os cuidava. A gratidão foi um grande presente que recebemos e nos confirmou em nossa missão de ser apoio e referência para a juventude. Na avaliação os jovens, trouxeram como significativo, a integração do grupo, as amizades que se fortaleceram e multiplicaram, a reconciliação de desavenças. Não poderia faltar os pontos problemáticos como a não pontualidade de alguns e a dificuldade de seguir as regras estabelecidas pelo grupo.

Os jovens expressaram que o retiro fortaleceu ainda mais os vínculos entre todos. Foi bom sair da rotina e ir para um lugar relaxante, sem pensar nos problemas. Foi de grande significado, uma oportunidade de vivenciar algo diferente, que não dá para explicar. Houve união entre todos, sem preconceito e sem ter vergonha de si mesmos. Gostaram de ir à capela e falar sobre sua vida para o grupo. Destacaram a aprendizagem que tiveram ao conviverem juntos.

As amizades e a convivência foram os pontos mais destacado pelos alunos de 7ª e 8ª séries, ao serem perguntados se tinham gostado de participar do Retiro.

Gostei porque a gente aprende a conviver com pessoas diferentes e a gente aprende mais sobre a vida, sobre o que a gente pode fazer de certo e errado. (aluna A)

Sim, porque eu nunca falava com as pessoas da 8ª e no Retiro a gente se aproximou. Tinha várias atividades legais, quando a gente tinha que formar os grupos e apresentar os trabalhos, na capela quando a coordenadora tocou violão e a gente ficou ouvindo, tinha também as brincadeiras à noite, o filme que a gente podia olhar,, quem quisesse. (aluna B)

Gostei, porque eu acho que é um momento de integração, uma diversão e ainda aprende coisas interessantes. (aluno C)

Para uma aluna foi muito marcante a sua reconciliação com uma colega, pois já fazia muito tempo que haviam se desentendido. Outro ponto que apareceu muito forte foi descobrir como as pessoas são, na sua verdade. “Quando a gente participou das brincadeiras, que deu para conhecer as pessoas, deu para ver melhor como as pessoas são. Eu pensava que algumas pessoas eram diferentes de como elas se mostraram lá.” (aluna B)

Apesar de estudarem no mesmo turno e se encontrarem no recreio, os alunos não se

conheciam com profundidade fora de sua turma e não tinham liberdade de ir ao encontro uns dos outros.

Houve um bom envolvimento dos pais na preparação do Retiro com cartinhas que eles foram convidados a escreverem para seus filhos. Na chegada receberam os jovens com balões e foguetes. Os jovens relataram como foi o envolvimento de seus pais.

Quando dei o bilhete sobre o Retiro, minha mãe me incentivou, deixou logo ir, porque ela sabe que isto faz bem para mim. A carta mostrou o que o pai, a mãe, os irmãos sentem por ti. Foi bem emocionante. Esta carta foi entregue no Retiro. (aluna A)

Quando eles mandaram as cartinhas, ligaram à noite para saber como eu estava, na chegada fizeram uma festinha com balões na frente da escola. Eles apoiaram. (aluna B)

Esta aproximação dos pais com os filhos foi significativa para ambos, pois muitas vezes, nesta idade, há um distanciamento dos pais, por parte dos filhos, pois eles precisam se constituir como indivíduos independentes. Para os pais também é difícil se dar conta de que os filhos estão crescendo e necessitam deste espaço para crescer.

No segundo semestre tivemos o Retiro para professores e funcionários, que teve como tema: *Um Encontro na Fonte*, fundamentado no texto bíblico do encontro de Jesus com a Samaritana, junto ao poço de Jacó. Na foto 6 podemos observar um momento celebrativo realizado na capela.



Foto 6: Retiro dos professores e funcionários - Viamão - 07/10/06

Professores e funcionários apontaram como pontos significativos do Retiro:

Achei muito significativo o contato que tivemos com a natureza, fazendo parte deste cenário, podendo apenas ouvir, observar, perceber, sentir sem manifestar-se. (professora)

O momento da capela, onde oramos, nos abraçamos e abençoamos o colega. Foi muito lindo, olhar no olho e desejar algumas coisas boas para o próximo. (funcionária A)

A primeira parte, quando caminhamos e escutamos sons que antes não nos dávamos conta que existiam. O barulho da água relaxa, te acalma. Muitas vezes a gente não se dá tempo de ouvir estas pequenas coisas. Com o papel crepon foi possível se dar conta de como somos parecidos e ao mesmo tempo diferentes. Quando o outro falava alguma coisa me dava conta que isto também faz parte de minha vida. Tudo é baseado na esperança, na vontade, na força que temos em procurar o melhor quando estamos por baixo. (funcionária B)

No início do Retiro, foi motivado o grupo para uma caminhada em silêncio. Este tempo para si, em contato com a natureza, ajudou o grupo a rezar, trouxe sentimentos de calma, harmonia, o que possibilitou perceber situações novas. Muitas vezes, no corre-corre da vida, não tiramos este tempo de qualidade para nós.

Outra questão levantada é o dar-se conta, de que temos muitas coisas em comum e que podem nos ajudar, pois vivenciamos situações semelhantes ao longo da vida e a experiência partilhada pode iluminar a nossa experiência. O que deu um sentimento de unidade para o grupo é o sentido da esperança, da vontade, da força em superar situações difíceis.

A ressonância do Retiro para o grupo de trabalho é percebida da seguinte forma:

Sinto que o Retiro é importante para que sempre tenhamos consciência da necessidade de trabalho em equipe e para isto é necessário haver muita união em nosso grupo. Este encontro me faz perceber que cada um é muito importante. (professora)

Como grupo profissional o Retiro ajuda a conhecer mais a fundo os colegas, a ver o que podemos fazer para nos tornarmos melhores profissionais. É uma troca de experiências, o que tende a nos tornar pessoas melhores. Além de ser um momento de reflexão, também é um momento muito divertido. Parece que voltamos a ser criança, colocamos para fora sentimentos, pensamentos, dos quais não falamos habitualmente, refletimos sobre o que nos rodeia, nossa vida, nossa dia-a-dia, nos divertimos e nos integramos através das brincadeiras. (funcionária B)

O fortalecimento do trabalho em equipe e a união do grupo é percebida como um ponto significativo para a caminhada. Em clima de confiança e amizade, há maior

espontaneidade e podemos ser quem somos ou como se expressou a funcionária “voltamos a ser criança”.

A 5ª e 6ª séries também fizeram o seu Retiro de um dia, com muita disposição e vontade de estar juntos e partilhar de boas conversas e brincadeiras. Refletiram individualmente sobre suas experiências de vida e partilharam em grupos, fortalecendo os vínculos de amizade e coleguismo.



Foto 7: Retiro 5ª e 6ª série - Bom Princípio - 27/10/06

Para esta faixa etária é preciso muito movimento, ação, jogos. Os alunos valorizam muito o grupo, os colegas. As amizades são muito importantes. O Retiro foi intercalado por momentos reflexivos, de lazer e de espiritualidade.

Na capela foram surpreendidos pela flor que se abriu na água e eles atentos observavam o seu desabrochar, assim como cada um deles está desabrochando para a vida, para novas experiências, para o conhecimento de si mesmo e do outro.

4 DESAFIOS PASTORAIS PARA UM MUNDO EM MUDANÇA

É preciso estar atento para a realidade que nos cerca, marcada por rápidas mudanças e por desafios éticos e de convivência humana.

Embora a escola confessional tenha uma identidade religiosa, precisa desenvolver um olhar mais abrangente para a diversidade religiosa presente na escola. Educar para o diálogo inter-religioso é uma exigência cristã. Posturas fundamentalistas têm gerado muita violência e fanatismo.

Desenvolver uma espiritualidade cristã no ambiente escolar, com uma linguagem apropriada para crianças e jovens é um grande desafio. Os alunos se mostram sedentos destes momentos de interioridade e de integração com os outros.

Educar para a solidariedade e a paz é tarefa de todos. Queremos um mundo mais humano, almejamos relações de vida, de respeito à dignidade humana e para isto precisamos construir uma cultura de paz.

4.1 Promover o diálogo inter-religioso

Vivemos num mundo complexo e plural, e um dos grandes desafios que se impõem hoje, é a capacidade de diálogo. A Escola Imaculado Coração de Maria, sendo de confissão religiosa católica, precisa ter presente o universo plural na qual está inserida, sem perder sua identidade. Precisa dialogar com as demais denominações religiosas. A questão do diálogo inter-religioso apresenta-se como um desafio para as diversas tradições religiosas.

Para os que acreditam no diálogo, as distinções religiosas não significam, necessariamente, uma ameaça, mas uma possibilidade plausível de enriquecimento

recíproco, se houver um desbloqueio de mentalidades e disponibilidade para a escuta deste outro universo.⁶⁸

Para que o diálogo aconteça é necessário despir-se de preconceitos, possibilitando assim a comunicação e o relacionamento, admitindo a diversidade. “O pluralista não é aquele que abdica de suas convicções, nem tampouco aquele que impõe suas convicções a outros, mas é aquele que se serve do diálogo para enriquecer e renovar suas convicções.”⁶⁹

Apostar no diálogo inter-religioso implica em reconhecer a diversidade de caminhos e a riqueza de dons e percepções que os diversos grupos têm sobre o aspecto religioso. É da estrutura da religião o aspecto dialogal, o que não significa abrir mão de sua identidade. É possível conjugar identidade e alteridade. A alteridade pode se constituir em caminho para a identidade.

Por um bom tempo se acreditou na Igreja Católica, que fora da Igreja não haveria salvação. Com o Concílio Vaticano II houve uma grande abertura, rompendo paradigmas estreitos na questão do diálogo inter-religioso.

O próprio Concílio Vaticano II avançou em direção a uma atitude de respeito e estima para com as outras tradições religiosas, reconhecendo-as como portadoras de valores salutaros. O Concílio abre caminhos para uma nova perspectiva pneumatológica da ação Universal do Espírito como boa nova para homens e mulheres de boa vontade, “em cujos corações a graça opera de modo invisível” (Gaudium et Spes)⁷⁰

Esta abertura está presente também no documento Diálogo e Anúncio, onde se afirma que o mistério da salvação atua de muitas formas, que há uma unidade entre todos os homens e mulheres, mistério da salvação em Jesus Cristo, mesmo para aqueles, que não reconhecem Jesus como seu Salvador.

O mistério da salvação atinge, por caminhos conhecidos por Deus, graças à ação invisível do Espírito de Cristo. É através da prática daquilo que é bom nas suas próprias tradições religiosas, e seguindo os ditames de sua consciência, que os

⁶⁸ TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade In: SCARLATELLI, Cleide et al (Org.). **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 30, 31.

⁶⁹ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 48.

⁷⁰ TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das Religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 190.

membros das outras religiões respondem afirmativamente ao convite de Deus e recebem a salvação em Jesus Cristo, mesmo se não o reconhecem como seu Salvador.⁷¹

O teólogo ecumênico Hans Küng acredita num projeto de ética ecumênica em vista da sobrevivência humana. Mais diálogo e menos fundamentalismo, podem nos ajudar na construção da paz mundial.

Mas o tempo está maduro para um desafio. No presente tempo mundial cabe às religiões mundiais uma responsabilidade especial: a paz no mundo. No futuro a credibilidade de todas as religiões, também das pequenas, vai depender de sua capacidade de acentuar mais aquilo que as une e menos aquilo que as divide. A humanidade pode cada vez menos se dar o luxo de ver as religiões incentivando guerras em vez de promover a paz, praticando o fanatismo em vez de fomentar a reconciliação, comportando-se com superioridade em vez de incentivar o diálogo.⁷²

No campo da ética é possível o encontro das religiões. “E, na ética, as religiões mundiais parecem estar mais próximas umas das outras do que no dogma.”⁷³ As religiões são formadas por homens e mulheres, iguais em dignidade e direitos e responsáveis pela caminhada da humanidade. Isto é o que nos une, está acima da fé que professamos.

Hans Küng aponta seis perspectivas éticas das religiões mundiais:

1. O bem estar das pessoas: “Com sua autoridade, todas as grandes religiões oferecem uma orientação religiosa fundamental.”⁷⁴ As religiões apontam para o concreto da vida das pessoas, podendo os direitos humanos ser religiosamente fundamentados.
2. As máximas elementares da humanidade: “Cinco grandes mandamentos da humanidade [...] tem validade em todas as grandes religiões mundiais: (1) não matar; (2) não mentir; (3) não roubar; (4) não praticar imoralidade; (5) respeitar pai e mãe e amar filhos e filhas.”⁷⁵ As grandes religiões propõem normas éticas fundamentais e máximas orientadoras, que são padrões inegociáveis e têm validade para milhões de pessoas.
3. O sensato caminho do meio: “As religiões podem, se quiserem, conquistar milhões de pessoas nesta terra para um sensato caminho do meio entre a libertinagem e o

⁷¹ Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. **Diálogo e Anúncio**. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 27.

⁷² KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 10.

⁷³ KÜNG, 2003, p. 12.

⁷⁴ KÜNG, 2003, p. 101.

⁷⁵ KÜNG, 2003, p. 102.

legalismo.”⁷⁶ O caminho do meio é importante, pois somos movidos por interesses individuais e coletivos. O caminho do meio é o equilíbrio entre a ganância por posses e o desprezo da propriedade, entre o hedonismo e o ascetismo, entre outras coisas.

4. A regra áurea: “Esta regra é atestada em Confúcio: “Aquilo que não desejas para ti, também não faças às outras pessoas.”⁷⁷ Esta regra aparece também no judaísmo e no cristianismo. Também está presente no imperativo categórico de Kant que afirma: “Age de tal forma que essa máxima de tua vontade valha a cada momento como o princípio de uma legislação universal.”⁷⁸ As religiões possuem uma norma incondicional, perfeitamente praticável para os indivíduos e grupos que se pautam por ela ao agir.
5. Motivações éticas: “Diante de tanta frustração, letargia e apatia, especialmente das gerações jovens, as religiões conseguem oferecer, em uma linguagem atual motivos para o agir provenientes de tradições muito antigas.”⁷⁹ Grandes líderes religiosos como Buda, Jesus Cristo, Confúcio e outros são modelos de vida que orientam o agir das pessoas. Estes modelos são transmitidos ao indivíduo de uma forma social.
6. Horizonte de sentido e determinação de objetivos: “As religiões conseguem fazer aparecer um horizonte de sentido na face da terra, e assim também uma última determinação de objetivo.”⁸⁰ Todas as religiões respondem a pergunta pelo sentido da vida diante da realidade última já aqui experimentada. No cristianismo é entendido como vida eterna, no islamismo é compreendido como paraíso. As religiões dão um sentido que ultrapassa a própria morte.

O Papa João Paulo II deu passos significativos em direção ao diálogo inter-religioso. Em Assis, no dia de oração pela paz, em 1986, líderes religiosos se encontraram para orar pela paz. Nesta ocasião o Papa João Paulo II afirmou sobre o que Deus queria que fosse o curso da história da humanidade: “uma viagem fraterna na qual nos acompanhamos uns aos outros rumo à meta transcendente que ele estabelece para nós.”⁸¹

4.2 Cultivar uma espiritualidade cristã

Hoje vivemos uma busca muito intensa pela espiritualidade. Em tempos de crise, de

⁷⁶ KÜNG, 2003, p. 104.

⁷⁷ KÜNG, 2003, p. 105.

⁷⁸ KÜNG, 2003, p. 105.

⁷⁹ KÜNG, 2003, p. 106.

⁸⁰ KÜNG, 2003, p. 107.

⁸¹ Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. **Diálogo e Anúncio**. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 67.

falta de ética, cresce a necessidade de algo que dê sentido à vida humana. “Cresce a convicção de que não basta acumular e ter mais ou saber mais sobre o universo, mas importa ser mais e colocar-se em contato com a alteridade, também a Absoluta (Deus).”⁸²

Para Dalai-Lama: “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior.”⁸³ Leonardo Boff afirma que:

Hoje a singularidade de nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço de paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais.⁸⁴

A espiritualidade cristã tem a ver com Deus, conjuntamente com o ser humano, é uma espiritualidade do cotidiano. “Somente inseridos, no chão da peregrinação humana, com seus avanços e recuos, podemos situar corretamente nossa relação com Deus e os irmãos, no dinamismo criador do Espírito.”⁸⁵

A espiritualidade cristã quer dar sentido às coisas do dia-a-dia. Iluminar a vida à luz da proposta evangélica deixada por Jesus Cristo. Jesus é compreendido como Deus e como homem, ao mesmo tempo, divino e humano. Um dos símbolos mais fortes para a espiritualidade cristã é a água como fonte, como energia de vida.

A espiritualidade cristã se parece com a umidade e a água que mantém a relva molhada, para que esta esteja sempre verde e em crescimento. Não se pode ver a água e a umidade do gramado, mas sem elas a relva fica seca. O que se vê é o gramado, com seu verdor e sua beleza. E é o gramado que queremos cultivar. Mas sabemos que, para tanto, devemos regá-lo e mantê-lo úmido.⁸⁶

A espiritualidade é sempre uma experiência realizada por uma pessoa concreta, a qual vive em um tempo preciso, uma experiência de fé.

⁸² BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas.** São Paulo: Paulinas, 2004, p.76

⁸³ BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação.** Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 16.

⁸⁴ BOFF, 2001, p. 18.

⁸⁵ ROY, Ana. **Tu me deste um corpo.** São Paulo: Paulinas, 2000, p. 18.

⁸⁶ GALILEA, Segundo. **O caminho da espiritualidade.** 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 14-15.

A imagem do poço d'água torna-se sugestiva a este respeito, uma vez que a espiritualidade é como a água viva que brota do próprio fundo da experiência da fé [...] Beber em seu próprio poço constitui uma experiência espiritual, no sentido mais forte da expressão. É viver o tempo do Espírito em conformidade com ele.⁸⁷

A espiritualidade cristã é uma iniciativa e um dom de Deus, que nos amou primeiro. Nós podemos dar nossa resposta no reconhecimento a este amor. Assim o caminho da espiritualidade se constitui num processo contínuo, onde vamos nos identificando com o projeto de Deus. E esse projeto conhecemos através da pessoa de Jesus.

A nossa tarefa é poder perceber hoje como é possível realizar o Reino de Deus, pois Jesus viveu num contexto determinado, em ambiente rural. Suas histórias, parábolas revelam bem esta realidade. As verdades e ensinamentos deixados por Jesus continuam atuais, mas o contexto hoje é outro. É preciso viver esta espiritualidade com criatividade, para dar respostas a este tempo.

Nossa linguagem religiosa costuma ser rural. É verdade que Jesus falava de sementes, vinhas, figueiras... É claro que nunca falou de ônibus, de antena parabólica, de supermercado, de fila de INPS, de revista em quadrinhos, de criança abandonada cheirando cola. Ele falava do que via e vivia o seu povo naquele tempo. De que será que ele falaria hoje?⁸⁸

O desafio da escola está em criar espaços para o cultivo de uma espiritualidade contextualizada, onde se traga presente a vida das crianças, jovens, famílias. Uma espiritualidade encarnada é uma espiritualidade transformadora da realidade.

É necessário uma espiritualidade iluminadora das realidades humanas, que traga luz para as situações cotidianas, trazendo esperança para superar o egoísmo, o fundamentalismo, o fechamento, à indiferença, à solidão.

Precisamos de uma espiritualidade que desenvolva principalmente a solidariedade, a saída de si mesmo para ir ao encontro do outro e de Deus. “O caminho para o mistério de Deus passa pela sensibilidade com o mistério da vida e da pessoa humana.”⁸⁹

⁸⁷ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984, p.51

⁸⁸ Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude do Brasil - 10. **Espiritualidade**: algo novo está nascendo. São Paulo: CCJ - Centro de Capacitação da Juventude, 1998, p.11.

⁸⁹ Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude do Brasil - 10, 1998, p.12.

4.3 Educar para a Solidariedade e a Paz

A solidariedade implica em igualdade. Ser capaz de ir ao encontro do outro, reconhecendo nele uma pessoa com dignidade. A solidariedade implica também em justiça, que todos tenham acesso a uma vida digna.

Com a globalização, o consumismo, a competição, este valor parece estar ultrapassado. Por outro lado é da natureza da escola confessional, trabalhar a partir dos valores evangélicos e levar a comunidade escolar a refletir e agir segundo estes princípios.

Em toda ação de Jesus, ele mostra uma atitude de acolhida e profundo respeito com a pessoa humana. Não é uma atitude assistencialista, que faz o outro se sentir inferior, mas uma atitude de ajuda, de colocar-se do lado e estender a mão. Seja ele um doente, estrangeiro, criança ou mulher.

Jesus está mais preocupado com a pessoa do que com as leis, pois até mesmo as leis religiosas de seu tempo eram bastante severas, impedindo que os pobres pudessem cumprí-las. Aí, já havia um motivo de discriminação e exclusão.

Leonardo Boff fala da ternura vital que existe no ser humano e não pode ser esquecida:

A ternura vital é sinônimo de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois mostra-se como inteligência que intui, vê fundo e estabelece comunhão. A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como obra que expressa a criatividade e a auto-realização da pessoa.⁹⁰

Como seres humanos não existimos sozinhos, estamos continuamente trocando, comungando de várias realidades. Precisamos dar sentido ao nosso fazer e transformá-lo em algo realizador, que nos preencha e motive a ser mais.

Vivemos uma triste realidade que nos interpela. O número de pessoas que sofrem por não terem o necessário para viver é alarmante.

⁹⁰ BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 118.

O desenvolvimento da ciência e da tecnologia nos últimos séculos não nos permite dizer que não temos condições de produzir e distribuir alimentos para todas as pessoas que vivem no planeta. Também não se pode dizer que não temos recursos para gerar vida digna para cada um dos seis milhões de habitantes do planeta. Se o mundo gasta um trilhão de dólares a cada ano em despesas militares, apenas um sexto disto seria capaz de prover e atender todas as necessidades sociais do planeta.⁹¹

A solidariedade é, inclusive, uma questão de sobrevivência. É uma das formas de criar a cultura da solidariedade é apostar na construção de pessoas de paz. A paz é um anseio de toda pessoa. Ela deve estar em nós e ao mesmo tempo devemos ser agentes e promotores desta paz sonhada.

A paz é um conceito bíblico. “A palavra hebraica *shalom* é saudação que comunica uma paz completa, resumo de tudo de bom que Deus quer oferecer, quando faz aliança com o povo.”⁹² Este termo aparece muitas vezes na Bíblia e significa bem estar, felicidade, saúde, segurança, harmonia consigo mesmo, com o próximo, com Deus.

Hoje vivemos uma naturalização da violência, da guerra. Vamos nos acostumando com as notícias e com os números da violência.

A consequência mais imediata dessa desnaturalização da violência e da guerra é libertar-nos de um certo determinismo que parece se impor. Se a violência é construída pelos humanos, não estamos nem condenados a ela, nem ela se constitui em fatalidade inexorável.⁹³

Desta forma entendemos que a paz é uma construção cultural que pode ser aprendida, assim como a violência. Podemos aprender a resolver conflitos de forma não-violenta; podemos aprender a lidar com a agressividade, transformando-a em energia de sociabilidade; podemos aprender a viver com a pluralidade, a diversidade, superando preconceitos. Conforme Guimarães:

A resolução não-violenta de conflitos é hoje, um dos campos mais desenvolvidos da educação para a paz, caracterizado por várias experiências. Uma das mais significativas é “Oásis da Paz”, a cerca de 30 quilômetros de Jerusalém, que organiza atividades e encontros para judeus e palestinos[...] A cada ano, cerca de mil

⁹¹ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. 2004, p. 71.

⁹² CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil). **Texto - Base Campanha da Fraternidade 2005 Ecumênica**. São Paulo: Salesiana, 2005, p. 20.

⁹³ GUIMARÃES, Marcelo Rezende. 2004, p. 11.

jovens participam desses encontros, cujo objetivo é ajudar a desenvolver a consciência social e política e identificar sua posição no conflito entre palestinos e judeus.⁹⁴

Para o teólogo Hans Küng, a paz pode ser alcançada através das religiões e esta começa a existir pelo diálogo. “A disposição ao diálogo é, em última instância, uma virtude da disposição para a paz. Quem se dispõe ao diálogo deve dispor de força interna de agüentar o diálogo e, quando necessário, respeitar a posição do outro.”⁹⁵

O desafio e apelo da construção da paz é uma grande tarefa da qual a escola não pode se omitir. Tanto a nível pessoal como local e global, precisamos encontrar caminhos para fazer acontecer a paz, tão almejada por todos.

⁹⁴ GUIMARÃES, 2004, p. 19.

⁹⁵ KÜNG, Hans. 2003, p. 166.

CONCLUSÃO

A Pastoral Escolar é o coração da escola confessional. A missão de uma escola cristã é ser portadora da Boa Notícia do Reino de Deus. Neste Reino há lugar para todos, cristãos e não cristãos. Há lugar para o diálogo e o convívio fraterno, respeitando as individualidades de cada um, bem como as suas crenças.

Uma educação transformadora acontece onde há diálogo, inquietação, busca contínua pelo ser mais. É num contexto plural e diversificado que se desenvolve o trabalho de pastoral, envolvendo os vários segmentos da escola: alunos, professores, pais e comunidade.

Na escola nos deparamos com pessoas que buscam relações verdadeiras de amizade, de troca, de crescimento. O desenvolvimento da espiritualidade favorece a construção de um ser humano mais integrado. Estas construções são feitas através de grupos, de encontros, de atividades que desenvolvem atitudes de solidariedade, de sensibilidade, de humanização.

Dentre os vários desafios que encontramos no trabalho de pastoral escolar, destacamos três, que consideramos os mais significativos: O diálogo inter-religioso e o respeito a diversidade, o cultivo de uma espiritualidade cristã e a educação para a solidariedade e a paz.

Portanto, educação transformadora implica em abertura a novas realidades, em diálogo com o mundo em que vivemos. Isto exige sensibilidade e sabedoria para cultivar valores como a solidariedade, a tolerância, o respeito ao diferente, o cuidado pela Terra e por toda forma de vida.

Este processo de construção é contínuo e exige uma auto crítica constante a fim de que possa ser um espaço de criação, de vida, de transformação. A proposta de Jesus se constitui um referencial para toda prática pastoral, pois é na sua pessoa que vamos buscar os critérios de evangelização.

A educação para a paz se constitui num caminho possível, viável e necessário para nosso tempo. Educação para a paz implica em relações fraternas, em justiça social, em garantia de direitos e vida digna para todos. Desta forma implica em solidariedade, em ser

capaz de sentir com o outro e fazer algo pelo seu bem estar. Percebemos o quanto crianças e jovens são sensíveis a ações solidárias e a projetos sociais.

Neste trabalho tematizamos um assunto de relevância para as instituições educativas de orientação cristã, entendendo que a prática de Pastoral da Escola Imaculado Coração de Maria é uma das experiências de trabalho pastoral, havendo muitas outras experiências significativas nesta área.

Concluimos que há um longo caminho a percorrer na direção de relações mais fraternas, mais justas e humanas. Precisamos superar atitudes fundamentalistas, preconceituosas na dimensão religiosa, pois a dimensão do sagrado está presente em cada ser humano e em todas as religiões.

Queremos construir uma cultura de paz, de solidariedade, no espaço escolar e na comunidade, pois fomos criados com inteligência e sabedoria para usar nossa criatividade em favor da vida. Nos sentimos responsáveis pela construção de um mundo mais pacífico, mais harmonioso, onde todos e cada um possam ter garantidos seu direito a uma vida digna. Acreditamos que através de uma educação transformadora podemos construir um mundo melhor, começando pela transformação de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ARNS, Maria Helena; DAL TOÉ, Ana Maria. **Escola Imaculado Coração de Maria**. Feliz - RS, Brasília, 2003. (apost)

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. 3 ed. São Paulo: Arte Ciência, 1998.

BENINCÁ, Elli. **Metodologia Pastoral**, (caderno de formação nº2). Diocese de Passo Fundo, Passo Fundo, 1994.

_____. **Práxis Pastoral, Caminhando com o Itepa - ano XVIII - nº63 - nov.2001**. Diocese de Passo Fundo, Passo Fundo.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

_____. **Saber Cuidar**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRIGHENTI, Agenor. **A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

Cadernos de Estudo da Pastoral da Juventude do Brasil - 10. **Espiritualidade: algo novo está nascendo**. São Paulo: CCJ - Centro de Capacitação da Juventude, 1998.

CALIMAN, Cleto et al (Org). **A Sedução do Sagrado - O Fenômeno Religioso na Virada do Milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana). **Civilização do Amor: tarefa e esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino Americana**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil). **Texto -Base Campanha da Fraternidade 2005 Ecumênica**. São Paulo: Salesiana, 2005.

CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). **Seguir Jesus: os Evangelhos**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

Documentos da CNBB - 80. **Evangelização e Missão Profética da Igreja: novos desafios**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

Documentos da CNBB -71. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil - 2003-2006**. 8 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

Estudos da CNBB - 41. **Para uma pastoral da educação**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FAVRETO, Clair et al (Org.). **ITEPA: história e perspectivas**. Passo Fundo: Palloti, 2005.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 3 ed. São Paulo: Olho d'água, 2000.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 16 ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.

_____. **Educação e mudança**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** . 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia da Esperança**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003.

_____. **Convite à leitura da Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GALILEA, Segundo. **O caminho da espiritualidade**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

GERHARDINGER, Maria Teresa de Jesus. **Confiar e Arriscar**. 2 ed. Porto Alegre, 2002.

_____. **Ensino e Educação**. Da 1ª Constituição aprovada por Pio IX em 1865 e em 1924 pela Sagrada Congregação.

_____. **Cartas da Fundadora**. Tradução Ir. Maria Helena Arns 1995-1999.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Um novo mundo é possível: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

IENS. **Convocadas à Transformação**, Roma, 2002. (apost.)

_____. **Documento de Shalom**, Roma, 2002. (apost.)

_____. **Madre Teresa e os Desafios da Educação** . Porto Alegre, 1999. (apost.)

_____. Província de Porto Alegre. **Projeto Educativo**. Porto Alegre, 1991. (apost.)

_____. **Madre Teresa, mulher de visão**. Baltimore, 1979 Tradução por Ir. Tarcísia Schwade.

_____. **Um caminho para o Futuro**, Roma, 1986. (apost.)

_____. **Vós sois Enviadas** (Constituição e Diretório Geral das Irmãs Escolares de Nossa Senhora) São Paulo, 1987.

II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano. **Conclusões de Medellin**. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Puebla: Conclusões. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1979.

IV Conferência Geral do Episcopado Latino- Americano **Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã**. Santo Domingo: Conclusões. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

JOB, Franz Sebastian. **O Espírito da Constituição**. Porto Alegre: Paloti, 1985.

KLIPP, Nelson (coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos**. São Leopoldo: EST, 2006.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

Marco Referencial da Pastoral da Juventude Estudantil - **Nossa Vida, Nossos Sonhos**. 2004.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 11 ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

Pastoral da Juventude Estudantil. **Quem somos? A que viemos?** - Marco Referencial. Porto Alegre: Evangraf, 1994.

Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. **Diálogo e Anúncio**. São Paulo: Paulinas, 1996.

RODRIGUES, Denise. **O adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

ROY, Ana. **Tu me deste um corpo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCARLATELLI, Cleide et al (Org.). **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

SCHMIDKONZ, Theo. **TU DEUS: orações meditadas sobre palavras de Madre Teresa de Jesus Gerhardinger**. São Paulo: Paulinas, 1997.

STRECK, Danilo. **Correntes Pedagógicas: aproximações com a Teologia**. Petrópolis. Vozes, co-edição: CELADEC, 1994.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo de Pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1993.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das Religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.